

# AUTORES & LIVROS

6-9-1948

ANO IX

Proprietário, diretor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.

N.º 1

Vol. IX

## NOTICIA SOBRE PERO VAZ DE CAMINHA

Pero Vaz de Caminha era escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral e nessa qualidade coube-lhe escrever, datando-a de Porto Seguro, sexta-feira, 1 de maio de 1500, a carta em que comunicava a El-Rei D. Manuel a descoberta do Brasil.

As circunstâncias da sua vida são confusas ou quase totalmente ignoradas. Já-me Cortesão informa que ele era natural do Porto, filho de Vasco Fernandes de Caminha, cavaleiro da casa do duque de Guimaraes, mais tarde do Bragança. Imagina-se que Pero Vaz nasceu pelos meados do século XV. Em março de 1475, foi nomeado mestre da Balança da Moeda do Porto. Imagina-se, também, que antes da expedição de Cabral, tomou parte em outras esforçadas empresas — campanhas de guerras na África e de viagens nos mares. Casou-se com D. Catarina Vaz de Caminha e teve uma filha, Isabel de Caminha. Essa Isabel casou-se mais tarde com Jorge de Ousouro (Osório) — que é aquele para quem, no fim de sua famosa carta, Caminha pede ao rei a mercê de o mandar vir do dregado de S. Tomé. (V. Carta de Pero Vaz de Caminha).

A carta de Pero Vaz de Caminha tem sido chamada "a cortidão de batismo do Brasil". É curioso considerar, realmente, que o documento mais colorido, mais fulgido, mais cheio de nossa paisagem e mesmo de nossa poesia, tenha sido essa carta do prosaico escrivão de Cabral. É claro que Caminha escreve como sabe e como pode: e o que ele sabe é o seu português de 1500. Mas como, nessa rude prosa despreocupada de arte, como ficaram fotografadas as gentes, as coisas e os costumes e as cores do mundo que estava sendo descoberto! Observador de incalculável penetração, Caminha viu tudo e percebeu que tudo era digno de referência. Ele tem, em primeiro lugar, o cuidado honesto de não tratar senão daquilo que lhe diz respeito. Informa ao rei que da marinagem e singradura do caminho "non darey aya conta a Vossa Alteza, porque o non saberey fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado..."

Descreve, porém, a viagem: como a frota seguiu o seu caminho, por este mar de longo ataa terça feira d'outavas da Pascoa; como vem encontrando aquelas crivas compridas a que os navegantes chamam botelho, aquelas a que chamam raios d'anno, aquelas a que chamam fora buchos.

Na descrição do Brasil, não perde minúcia: vê a paisagem com todos os seus recortes, um recife que surge, uma angra que se cava

no mar, um risinho que forma uma boca. E vê os bichos, com as suas cores especiais; e é já em sua carta que surgem o verde e o amarelo que mais tarde hão de figurar em nossa bandeira: "e em tal maneira se passou a coisa, que bem XX ou XXX pessoas das nossas se foram com eles onde muitos deles estavam com moças e mulheres, e trouxeram de lá muitos areos e barbetes de penas d'ave, deles verde e deles amarelos de que creio que o capitão ha de mandar amostrar a Vossa Alteza..."

E vê as gentes que lhe parecem tão simpáticas e tão pitorescas. "A feição deles he serem pardos, maneira d'overmelhados, de boos rostos e boos narices bem feitos: andam nus, sem nenhuma cobertura... Aly andavam anti eles tras ou quatro moças bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos" e compridos pelos cantos e as outras vestiam-se tão rotas e tão panceadas e tão limpas das cabeltras que de as nos bem olharmos não tinham nenhuma vergonha...; também andavam entre eles 4 ou 5 moçheres moças asy, nuas, que non pareciam mal, ante as quaes andava huua coxa do gholho ataa o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e al todo da sua propria cor..."

Não tem sido costume dos historiadores da literatura

brasileira iniciar a série dos seus autores com Pero Vaz de Caminha; preferem iniciá-la com Anchieta ou com Bento Teixeira. Não podemos atinar com as razões dessa exclusão. Se é por ser português, tanto é português o Caminha quanto Anchieta ou Bento Teixeira. Se é pelo labor ou o cheiro do Brasil, Caminha poderá não o ter tanto quanto o canário, mas o tem de certo muito mais do que o canônico autor da Prosopopeia.

Advirta-se, além do mais, que a Carta de Pero Vaz Caminha é um documento que elucida alguns problemas históricos do Brasil, problemas esses da maior importância. E em primeiro lugar, deixa esclarecido que a descoberta do Brasil não foi, como durante séculos se afirmou, uma obra do acaso: foi um ato consciente e certo da coroa lusitana.

Antes de Caminha, o explorador português Cabral seguiu o seu caminho por esse mar de longo, até que tocou terra firme. (Mar de longo era o mar entendido em sua extensão mais vasta, naquele tempo o mar no rumo leste-oeste). O que significa que Cabral saiu conscientemente, de acordo com a lição dos cosmógrafos portugueses, para ir descobrir uma terra misteriosa que jazia no remotíssimo ocidente.

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, cinco ou seis mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de cinco e seis mil cruzeiros.

Faça a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado a maior valorização.



Retrato de Pedro Álvares Cabral (Varões e Donas)

## SUMARIO

- PAGINA 1:  
— Notícia sobre Pero Vaz Caminha.  
— "Autores e Livros" a seus assinantes.  
— Uma candidatura acadêmica.  
— Sumário.
- PAGINAS 2, 3, 4, 5, 6:  
— A Carta de Pero Vaz de Caminha. Lettura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos.
- PAGINA 7:  
— A Carta de Vaz de Caminha, de João Ribeiro.
- PAGINA 8:  
— Curso de Jornalismo. — Discurso sobre a imprensa, de Clemente Mariani.  
— Edições da Carta de Pero Vaz de Caminha.
- PAGINA 9:  
— Critica, História e Legislação Jornalística. — Primeiro ponto. — A Moral, Conceito e importância da Moral, do Prof. Múcio Leão.
- PAGINAS 10 e 11:  
— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Primeira série, Antologia da Poesia. XXX — Valfredo Martins.  
— Valfredo Martins (nota biográfica);  
— Bibliografia de Valfredo Martins;  
— Sonetos de Valfredo Martins;  
— O Bracelete;
- Taça;  
— Cabaret;  
— Uma mulher;  
— Cobardia;  
— O Cajazeiro;  
— O Obolsco;  
— A navalha de Rolland;  
— Janela abandonada;  
— O encontro;  
— O Gatoramo;  
— Miragem;  
— Eliane é uma estrela;  
— O Lirio.  
— Autógrafo de Valfredo Martins: Soneto Taça.
- PAGINA 12:  
— Cronologia da Carta de Pero Vaz de Caminha. — Roberto Simonsen.
- PAGINA 13:  
— "Autores e Livros em sua nova fase", de Múcio Leão.  
— Uma agreciação sobre "Autores e Livros". — Janela aberta. Como se fabricam raridades bibliográficas, de Raimundo Magalhães Junior.
- PAGINA 14:  
— Curso de Jornalismo. Oração do Dr. A. Carneiro Leão, inaugurando esse curso.  
— Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha.
- PAGINA 15:  
— Carta de Mestre João. Lettura de Luciano Pereira da Silva.
- PAGINA 16:  
— Album de Guignard N.º 1: Bêco das Sombras.

## Uma Candidatura Acadêmica

Está posta, na Academia Brasileira de Letras, na vaga de Roberto Simonsen, a candidatura do Sr. Aníbal Freire da Fonseca.

O nome, a obra, a tradição desse ilustre escritor brasileiro o sagram, de há muito, a um dos fauleus da Casa de Machado de Assis. Jornalista desde a adolescência, tendo exer-

cido a direção do Diário de Pernambuco e a do Jornal do Brasil; político de intensa atividade no parlamento da primeira República; jurista de erudição poderosa, como o vem demonstrando, há cerca de dez anos, no Supremo Tribunal Federal — é o Sr. Aníbal Freire, em todos os lenses de sua vi-

(Continua na 11.ª pag.)

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

Senhor, posto que o Capitão-mór desta frota, e assim (mesmo) os outros capitães escrevem a Vossa Alteza (1) a notícia do achamento desta Vossa terra nova, (2) que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba peor que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade (3), a qual bem certo creio que, para a fortosentar, nem r'fear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu. (4).

Da marinagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza — porque o não saberei fazer — e os pilotos devem ter este cuidado.

E, portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo que a partida de Belém foi — como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de Março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achámos entre as Canárias, mais perto da grande Canária. E ali andámos todo aquele dia em cabria, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houve vista das Ilhas de Cabo Verde. A saber: da Ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar (5), piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira (quando amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para isso) poder ser! (6).

Pôs o Capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais! (7).

E assim seguimos nesse caminho, por este mar de longo (8), até que terça-feira das Otavias da Páscoa, que foram 21 dias de Abril, topámos alguma sinal de terra, estando (distantes) da dita Ilha, — segundo os pilotos diziam, obra de 600 ou 700 léguas — os quais (sinaes) eram muita quantidade de herbas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-anjo. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topámos aves a que chamam furabachos.

Neste mesmo dia, à hora de respear, houve vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; e um monte alto o Capitão pôs nome O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera-Cruz.

Mandou lançar o prumo. Acharam cinco e cinco braças e ao sol-poente, umas seis léguas da terra, surrimos âncoras, em derreioe braças — ancoragem limpa. Ali ficamos nos 15 dias aquela noite (9). E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direção à terra, indo os navios pequenos diante — por dezasseis, dezassete, quinze, catorze, doze, nove braças — até meia-légua da terra, onde todos lançámos âncoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

E d'ali avistámos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

Então lançámos fóra os bote e esquifes. E logo vieram todos os Capitães das naus a esta nau do Capitão-mór. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens, aos



Retrato de D. Manoel, o Venturoso, rei de Portugal na época da descoberta do Brasil

dois e aos três, de maneira que, quando o bote chegou à boca do rio, já lá estavam dentro da vinha.

Pardos, mas sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas vinham caídas ajuntadas em caxangas ao bote. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver tela nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Sómente arremessou-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombrero de penas d'ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio (10). E outro lhe deu um ramal grande de cantinas brancas, miúdas, que queriam parecer de alhojor. (11) Os quais peços creio que o Capitão mandou a Vossa Alteza. E com isto se voltou às naus por ser tarde e não poder haver delas mais fala, por causa do mar (12).

A noite seguinte ventou tanto sueste como chuvecellos que fez caçar as naus. E especialmente a Capitania. E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela. E fomos de longo da costa, com os bote e esquifes amarrados na popa, em direção norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde nós ficássemos, para tornar água e lenha. Não por nos já minguar, mas por

nos prevenirmos aqui. E quando fomos vela zarpar já na praia assombrados perto do rio, com o sueste ou sueste noroeste, que se haviam jurado ali nos pousar. Fomos ao longo, e mandou o Capitão as navies pequenas que fossem mais chegado à terra e se achassem pouco seguro para as naus, que amarrassem.

E velejando nós pela costa, na distância de dez léguas do rio, onde tinhamos levantado ferro, acharam os citos navios pequenos um Recife com um pouco dentro, muito bom e muito seguro, com uma mural larga entrada. E meteram-se dentro e amarraram. E as naus ficaram-se chegando, atrás deles. E um pouco antes de sol-poente amarraram também talvez a uma légua do Recife, e ancoraram a onze braças.

E estando Afonso Lopez, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, foi por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meter-se logo no esquife a sondar o porto dentro. E tomou data daqueles homens da terra que estavam numa alameda: muitos e de bom corpo. Um deles trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas não os aproveitou (13). Logo, já de noite, levamos a Capitania, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem mais caso de encobrir ou deixar de

encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Adreça disso não dá grande importância. Ainda traziam o bote de bote fardo e metido nele um asso verdadeiro (14), de camiflândia de uma mão travessa, e da pressão de um tiro de algodão, agudo na ponta como um furado. Meteram-no pela parte de dentro do bote; e a parte que lhes fica entre o bote e os dentes é feita à modo de trouso-de-xadrez. E trazeu-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo ao falar, nem ao comer e beber.

Os cabelos deles são cor-de-rosa. E andavam toquinhos, de toquela mais antes do que sobre-cabeça, de boa grandura, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da corinha, do fente à frente, na parte de trás, uma espécie de cabecinha, de penas de ave amarela, que seria no comprimento de um côco, muito basta e muito cerrada, que lhe cobria o tontego e as orelhas. E andava pegada aos calhotes, pena por pena, com uma confusão branda como cera (mas não era cera), de maneira tal que a cabecinha era muito redonda e muito basta, e muito igual, e não fazia nenhuma mas largura para a levantar (15).

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma sicaud por estrado; e bem vestido, com um cotel de ouro, muito grande, no pescoço. E Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corréa, e nós outros que aqui na nau com ele imos, sentados no

chão, e nossas alcantifas. Acenderam-se tochas, e eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de quererem falar ao Capitão; nem a ninguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quasi tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartos (bolos) mel, fijos passados. Não quiseram comer daquilo quasi nada; e se provaram alguma cousa, logo a lançavam fóra.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe posaram a boca (16); não gostaram dele nada, nem beberam mais.

Trouxeram-lhes água em uma alcatraz (17); provaram ainda um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fóra.

Viu um deles umas contos de rosário, brancas; fez sinal que lhes dessem, e fêz muito com elas, e lançou-as no pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam juro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que... levava as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lho não havíamos de dar! E depois tornou a entregar as contas a quem lhe deu. E então retiraram-se de costas na alcantifa, a dormir, sem preocupar ninguém de encobrir suas vergonhas, as quais não eram mudadas; e as cabecinhas delas estavam bem seguras e felizes.

O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um um coxim (18); e o da cabecinha sobre-cabeça por não se estragar. E deram um manco por cima deles; e conversando, acanharam-se e adormeceram.

Sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, fôrme e mandar a cartúcia, a qual era muito larga e tinha reis a sete braças de fundo. E entraram todos os navios dentro, e ancoraram em cinco ou seis — acanharam-se e não grande e não formoso de dentro, e tam seguro que podiam ficar néste mar de muitos navios e náus. E tanto que as náus foram distribuídas e ancoradas, vieram os canhões todos a esta nau do Capitão-mór. E depois mandou o Capitão que Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias fossem em terra e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova e uma carapuça vermelha e um resário de contas brancas de osso, que foram levando nos braços, e um canavet e uma campainha. E mandou com eles, para lá ficar, um manco de degredado, criado de Dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e (das suas) manieiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho.

Fomos assim de frecha direi-



# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

terra, armados; e a bandeira comosco. Eles andavam ali na praia. À boca do rio, o qual não é mais ancho que um *logo* de mamal. E tanto que desembarcámos, alguns dos nossos posaram logo o rio e meteram-se entre eles. E alguns aguardavam; e outros se afastavam. Em tudo, a cousa era de maneira que todos andavam misturados. Eles davam desses arcs com suas setas por sombrellos e carapucas de linho, e por qualquer cousa que lhes davam. Passaram aliem tantos dos nossos e andaram assim misturados com eles, que eles se equivocam, e afastavam-se; e iam alguns para cima, outros estavam. E então o Capitão fez que o tomassem ao colo dois homens e passou o rio, e fez tornar a todos. A gente que ali estava não seria mais que aquella do costume (38). Mas logo que o Capitão chamou todos para trás, alguns chegaram a ele, não por se reconhecerem por *Senhor* (visto que parece que não comprehendem nem entendem isso), mas porque a gente, nossa, já passava para aquém do rio. Ali falavam, e traziam muitos arcões, e continhas daquelas já ditas, e resgatavam-nas por qualquer cousa, de tal maneira que os nossos levavam dali muito as náuas muitos arcs, e setas, e continhas.

E então tornou-se o Capitão para a quem do rio. E logo estudaram muitos à beira dele.

All vericie (36) / galdantes,  
 mudados de preto e vermelho, e  
 cartuchos, assim pelos corpos  
 como pelas pernas, que, certo,  
 andavam entre elles quatro ou  
 cinco mulheres, novas, que assim  
 nuns não pareciam mais.  
 Entre ellas andava uma, com  
 uma coxa do joelho (37) até o  
 quadril e a nadega, toda tingi-  
 da daquela tintura preta: e to-  
 do o resto da sua cor natural.  
 Outra trazia ambos os joelhos  
 com as curvas assim tintas, e  
 tambem os colos dos pés: e  
 mais vergonhas tam novas, e  
 com tanta innocencia descuber-  
 tes, que não havia nissas des-  
 vergonha nenhuma.

Também andava lá outra mulher, nova, com um menino e uma menina, stada com um pano (não sei de que) aos peitos, de modo que não se lhe iam senão as pernas. Mas as pernas da mãe, e do pai (38) não havia pano algum.

Em servida o Capitão foi suando ao longo do rio, que corrente a praia. E ali esprou por um velho que trazia na mão uma pá de almadia. Falou, enquanto o Capitão estava com ele, na presença de todos nós; mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por tais causas que a gente lhe perguntava com respeito a outro, porque desejávamos saber: se o ouvia na terra.

Trazia este velho o beico tam-  
rado que lhe cabia pelo bu-  
ço um grosso dente polegar.  
— trazia também no barrico uma  
edra verde, de nenhum valor,  
se fechava por fora aquie  
muro. E o Capitão lhe  
mar. E ele não se que d'aba-  
lava e a com ela para a ba-  
o Capitão para lhe mter.  
— Vemos vindo um pouco e di-  
nando thabets sobre isto (34).  
— então enfadou-se o Cap-  
deixou-o. E um dos n-za-  
su-lhe pela pedra um mui-  
reiro velho; não por ela valer  
alguma coisa, mas para m-  
ta. E depois houve-o de Cap-  
tão, e era por um m-za-  
gras cou- ser a Viras Al-  
Ala.

Andamos por aí vendo o primeiro, o qual é de muita água e muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito boas e muito boas palmeiras.

**Colhemos e comemos muitos  
deles.**

Depois tornou-se o capitão para baixo para a boca do rio, onde tínhamos desembarcado.

E além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante uns outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam bem. Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Diaz, que fôra almorxarte de Sacavem, o qual e homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro, nos com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e rião, e andavam com elle muito bem ao som da gaita. E depois de dançarem fêz-lhes ali muitas voçoras ligeiras, andando no chão, e **saltos** **raes**, e de que reles espantavam e rião e folgavam muito. E comquanto com aquillo se segurou e fingou muito, tonavam logo uma esquivex com militezes, e furtavam-se para cima.

E então passou o rio e Capitão com todos nós, e fomos pela praia, de longo, ao passo que os batedores iam rentes à terra. E chegámos a uma grande lagoa de água doce q. está perto da praia, porque toda aquela ribeira do mar é apauada por cima e sai a água por muitos lugares.

E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito cães meter-se entre os matagais que se recolhiam aos batéis. E levaram dali um tamarco (co) que Bartolomeu Dias matou. E levavam-lho; e linçou-o na praia.

Bastará (isso para Vossa Alteza ver) que até aqui, como quer que se fizesse em alguma parte amarissemos, logo de uma mão para a outra se esquivavam, / como pardais, (com medo) do cevalinho. E tudo se passa como eles querem. — para os bem amarmos!

Ao velho com que o Capitão havia falado, deu-lhe um carapaua vermelha. E com toda a conversa que com elle houve, e com a carapaua que lhe deu, tanto que se despeçou e começou a passar o rio, fallou logo recitando. E não quiz mais tornar do rio para aquém. Os outros dois que o Capitão teve nas náus, a que deu o que já ficou dito, nunca mais aquy appareceram — factos que de acazo que e gen e bestia! e de pouco salte, e por isso tam ciquiva. Mas a pesar de tu e os ancam bem curados, e muito limpos. E na u o a nau mais me convenga que sou como avel, ou ao mas mantimentos, os quais o ar faz machos penas e melho: cabos que as manas, porque os s e os corpos sou tam limpos e tam gordos e tam firmos que não póde ser mais! E isto me faz presumir que não tem casas nem mercedes em que se recolherem: e o ar em que se criam e faz lisa. Nos pelo meuz: não vimos até agora nenhuma enxada sem tina coucas que se parecia com elas.

[illegible]

tornámo-nos às náus, já quasi noite. e dormir.

/ Segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra para tomar água. Ali vieram cinco mulos; mas não tinham como as outras vezes. E traziam já muito pouco arado. E estiveram um pouco afastados de nós; mas depois pouco a pouco misturaram-se conosco; e abreviavam-nos e folgavam; mas alguns deles se esquivavam logo. Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapacinha velha e por qualquer coisa. E de tal maneira se passou a coisa que bem vinha ou trinta pessoas das nossas se foram com eles para onde outros muitos deles estavam com mães e mulheres. E trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, uma verde, outros amarelos, dos quais creio que o Capitão há de mandar uma amostra a Vossa Alteza.

E segundo diziam esses que lá tinham ido, brincaram com eles. Neste dia os vimos mais de perto (42) e mais à nossa vontade, por andarmos quasi todos misturados: uns andavam quartejados daquelas tinturas, outros de metades, outros de tanta feição (de cores) como em pano de Ras (43), e todos com os belcos furados, muitos

com os ossos n'elas, e bastantes sem ossos. Alguns traziam uns ouriços verdes, d'árvores, que na cor queriam parecer de castanhos, embora fossem muito mais pequenos. E estavam cheios de uns grãos vermelhos, pequeninos que, esmagando-os entre os dedos, se desfazião na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam rapados até por cima das orelhas: assim mesmo de sobrancelhas e pestanas.

Trazem todas (44) as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura / de dois dedos.

E o Capitão mandou aquele degradado Afonso Ribeiro e a outros dois degradados que fossem metê-lo entre eles; e assim mesmo a Diogo Dias, por ser homem alegre, com que eles folgavam. E aos degradados ordenou que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos; e andaram entre eles. E segundo depois diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tam compridas, cada uma, como esta náu capitalina. E eram de madeira, e das libragas de táboas, e cobertas de palha, de renovel altura; e todas de um só espaço, sem repartição al-

numa, tinham de dentro muitos estelos; e de estelo a estelo uma rede atada com cabos em cada estelo, abaixo, em que dormiam. E de baixo, para asquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os encontraram; e que lhes deram de comer dos alimentos que tinham (45), a saber muito milho, e outras sementes que na terra há, que eles comem. E como se fazia tarde fizeram-lhes logo todos tornarem; e não quiseram que lá ficasse nenhum. E ainda, segundo diziam, queriam vir com eles. Resgataram lá por cacaveis e por outras couzinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapaças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores, espécie do tecido azazul belo, segundo Vossa Alteza todas estas cousas vendeu, porque o Capitão vo-las lá de mandar, segundo ele disse... E com isto vieram; e nós tornamos-nos às náus...

Terça-feira, depois de comer, fomos em terra, "fazer lenha (dar / guarda de lenha)" (48).



Pero Vaz de Caminha lê a Pedro Álvares Cabral e a Frei Henrique de Coimbra a carta que acaba de escrever a el rei de Portugal, D. Manoel (Quadro de Anrélio de Figueiredo, pintor brasileiro)

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

e para lavar roupa. Estavam na praia, quando chegámos, uns sessenta ou setenta, sem arcas e sem nada. Tanto que chegámos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcas. E misturaram-se todos tanto com os nossos, que uns nos ajudavam a acarretar lenha e metê-la nos bates. E lutavam com os nossos, e tomavam muito prazer. E enquanto nós fazíamos a lenha, construíam dois carpinteiros uma grande cruz, de um pau que se ontem para isso cortara. Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o faziam mais para verem a ferramenta de ferro com que a faziam do que para verem a cruz, porque eles não têm coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, muito bem atadas e por tal maneira que andavam fortes. (47) (segundo diziam os homens que entem (foram) às casas deles) porque lhes viram lá. Era já a conversação deles com os nossos tanta que quasi nos estorvavam no que havíamos de fazer.

E o Capitão mandou a dois degredados e a Diogo Dias que fossem lá à encosta e a outras se houvessem noticiado delas e que de modo algum vissem a dormir as náus, ainda que os machucassem embora. E assim se foram.

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam algumas papagaias essas árvores: verdes uns, e pardos, outros, grandes e pequenos, de sorte / que me parece que haverá muitos nesta terra. Tocávamos as que vi não seriam mais que nove ou dez, quando muito. Outras aves não vimos então, a não ser algumas pombas-severinas, e pareciam-me maiores bastante do que as de Portugal. Vários diziam que viam róis, mas eu não as vi. Todavia, segundo os arvoresos são muitos, e grandes, e de infinitas espécies, não duvido que por esse sertão haja muitas aves.

E cerca da noite nós voltamos para as náus com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda conta aqui a Vossa Alteza do feito de seus arcas e setas. Os arcas são pretos e compridos e as setas (também) compridas; e os ferros delas são canas apuradas, conforme Vossa Alteza verá por alguns exemplares: que creio que o Capitão a Ela há de enviar.

aquela noite. E não houve mais este dia que para escrever seja.

Quinta-feira, derradeiro (dia) de Abril, comemos logo, quasi pela manhã, e fomos em terra por mais lenha e água. E em querendo o Capitão sair desta náu, chegou Sancho de Toar com seus dous hospedes. E por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas, e veio-lhe comida. E comeu. Os hospedes, sentaram-

(mais). E parece-me que vieram este dia à praia quatrocentos, ou quatrocentos e cincoenta. Alguns deles traziam arcas e setas; e deram tudo em troca de carapucas e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam com os dous que lhes davamos, e alguns deles bebiam vinho, ao passo que outros o não podiam beber. Mas quer-me parecer que, se os acostumarem, o há de beber de boa vontade! Andavam todos bem dispostos e tam bem feitos e galantes com suas pin-

pusessemos todos os joelhos e a beijarmos para eles verem o acatamento que lhe tinhamos. E assim fizemos. E a esses dez ou doze que lá estavam, acenaram-lhes que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendessemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto, se os degredados que, aqui há de ficar, apre-

deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores nos si deitam. E com isto andavam tais e tam rijos e tam médicos que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Nesse dia enquanto ali andavam, dançaram e ballaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos, do que nós seus. Se lhes a gente acenava, se queriam vir às náus, aprontavam-se logo para isso, de modo tal que, se os convidávamos a todos, todos vieram. Porém não levámos esta noite às náus senão quatro ou cinco; a saber, o Capitão-mór, dous; e Simão de Miranda, um que já trazia por pajem; e Aires Gomes a outro, pajem também. Os que o Capitão trazia, era um deles dos seus hospedes que lhe haviam trazido a primeira vez quando aqui chegámos — o qual veio hoje aqui vestido com sua camisa, e com ele um irmão; e foram esta noite muito bem agasalhados tanto de comida como de cama, de estêchoa e lençóis, para os mais amanharem.



Carolina Micaelis de Vasconcelos, a Hustru mestra de erudição portuguesa, cuja versão da Carta de Pero Vaz de Caminha incluímos em nossas páginas

Quarta-feira não fomos em terra, porque o Capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejá-lo e fazer levar às náus lenha que cada uma podia levar. Eles acudiram à praia; muitos, segundo das náus vimos. Seriam perto de trezentos, segundo (disse) Sancho de Toar que para lá foi. Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, nos quais o Capitão entem ordenara que de toda a maneira lá dormissem, tinham voltado já de noite, por eles não quereirem que lá ficassem. E traziam papagaios verdes; e outras aves pretas, quasi como pombas, com a diferença de terem o bico branco e rabos curtos. E quando Sancho de Toar recolheu à náu, queriam vir com ele, alguns; mas ele não admitiu senão dous homens / cobos, bem dispostos e de boa proa. Mandou pensar e curá-los muito bem essa noite. E comeram toda a ração que lhes deram, e mandou dar-lhes cama de lençóis, segundo ele disse. E dormiram e folgaram

nos cada um em sua cadeira. E de tudo quanto lhes deram, comeram muito bem, especialmente presunto cozido frito (48), e arroz. Não lhes deram vinho por Sancho de Toar dizer que o não bebiam bem.

Acabado o comer, metemos todos no batel, e eles com os dous. Deu um grunete a um deles uma armadura grande de porco montês (49), bem revolta. E logo que a tomou meteu-a no bico; e por que se lhe não queria segurar, deram-lhe uma pouca de cera vermelha (50). E ele pegou-lhe a aderção da parte de trás de sorte que segurasse, e meteu-a no bico sem revolta para cima; e lá tam contente com ela, como se tivesse uma grande joia. E tanto que saímos em terra, foi-se logo com ela. E não tornou à praia, quando saímos, oito ou dez deles; e de aí a pouco começaram a vir

turas que agradavam. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mil boas vontades, e levavam-na aos bates. E estavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós estávamos entre eles.

Foi o Capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até um ribeiro grande, e de muita água, que ao nosso parecer é o mesmo que vem ter à praia, em que nós tomamos água. Ali descançamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dele, entre esse arvoredo que é tanto e tamanho e tam vasto e de tanta qualidade de folhagem que não se pôde calcular. Há lá muitas palmeiras, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Ao sairmos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos em direitura à cruz que estava encostada a uma árvore, junto ao rio, a fim de ser colocada amanhã, sexta-feira, e que nos

derem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e não de crer na nossa santa fé, a qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente, esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimi-se-lhe (51) facilmente nêles qualquer coisa / nêles que quiserem dar (52), uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer, creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazêr a Deus que com pouco trabalho seja assim!

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão

até acabada a comunhão; e depois da comunhão, comungam esses religiosos e sacerdotes; e o Capitão com alguns de nós outros. E alguns deles, por o sol ser grande, levantaram-se enquanto estávamos comungando, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinquenta ou trinta e cinco anos, se conservou ali com aqueles que ficaram; esse, enquanto assim estavam, juntava aqueles que ali tinham ficado, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

com o dedo para o céu, como se lhes desse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos!

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva; e assim se subiu, junto ao altar, em uma cadeira; e ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos cujo é o dia (55), tratando no fim da pregação, desse vosso prosequimento tam santo e virtuoso, (de sorte) que nos causou mais devoção.

Esses que estiveram sempre à pregação, estavam assim como nós olhando para ele. E aquele que digo, chamava alguns, que viessem ali. Alguns vinham e outros iam-se; e acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda (56). E houveram por bem que lançassem a cada um (a) sua ao pescoço. Por essa causa (ou por essa causa) se assentou o Padre Frei Henrique ao pé da Cruz; e ali lançava a sua a todos, — um a um — ao pescoço, atada em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos. Vinham a isso muitos; e lançaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinquenta. E isto acabado — era já bem uma hora depois do meio dia — viemos as náus a comer, (para) onde o Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez os outros aquele gesto para o altar e para o céu, (e um seu

irmão com ele). A aquele fez muita honra / e deu-lhe uma camisa mourisca; e ao outro uma camisa d'estourras.

El segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra cousa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se algum vier, não deixe logo de vir clérigo para os baptizar; porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dous degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também conspurgam.

Entre todos estes que hoje viam não veio mais que uma mulher, mãe, a qual esteve sempre à missa, a qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lhe em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior, — com respeito ao pudor. —

Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive, se se converterá, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos para

elas beijar a cruz. E despedimos-nos e fomos comer.

Creio, Senhor, que com estes dous degredados que aqui ficam, ficarão mais dous gruntes, que esta noite se saíram em terra, desta ilha, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais. Creemos que ficarão aqui porque de manhã, praxeado a Deus, fazemos nossa partida daqui.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que / mais contra o Sul vimos, até a outra ponta que contra o Norte vem, de que nós deste pórtio houremos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Três ao longo do mar são algumas partes grandes barreiras, umas vertentes, e outras tão altas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De pouca a ponta é toda praia... (57) muito chã e muito formosa. Pelo ar não nos pareceu, visto do mar, muito grande; porque, a estender olhos, não podíamos ver outra terra e arvoredo — terra que nos parecia muito extensa.

Alé agora não podemos saber se há ouro ou prata nela, ou outras cousas de metal, ou ferro; nem hã vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. (Ao) águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é gra-

ciona que, querendo-a aproveitar, dar-se há nela tudo; por causa das águas que tem!

Com tudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semelhança que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houver-se mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pouçada para essa navegação do Calecut, (isto) bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber acrescentamento da nossa santa fé!

El desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi (58). E se a um pouco alongar, não me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, me fez pôr assim pelo médio. —

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que leve como em outra qualquer, cousa que da Vossa serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, e não pego que por me fazer singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé a Jorge de Castro mais gente — o que d'ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Pórtio-Seguro, da Vossa Ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de Maio de 1500 (59).

a. Pero Vaz de Caminha.

## NOTAS À CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

(1) A Carta de Pedro Vaz de Caminha é datada de Hoje Santa-Fez, primeiro dia de Maio de 1500. Deste Porto Seguro da Vossa Ilha de Vera Cruz. Todavia não creio fosse escrita toda a carta, pelas linhas em fim de tanta e tantas linhas cada uma — naquele último dia da semana memorável em que pela primeira vez se avistaram homens brancos da Occidente para a Ilha e os indígenas da América do Sul.

Pelo contexto (vide Anot. 23); e igualmente pela letra, muito mais rasgada nas páginas finais do que a principal, talgo reconhecer que foi traçada em dias consecutivos — dias, ou noites — de 24 ou 26 de Abril em diante, a modo de Diário.

Certo é, além disso, que ao começar a redação, estavam os já enviados a desembarcar no mesmo dever, que El-Rei D. Manuel lhes impusera, diversamente embora, pelo menos uma dúzia de pessoas seletas de entre os 1500 que a 8 de Março tinham embarcado em Belém afim de, cheios de fé e esperança, continuarem a obra iniciada por Vasco da Gama. Encomendados estavam de desembarcar na Índia missões diplomáticas e comerciais, mas aparentemente também outras marítimas e cosmográficas — expostas quer verbalmente, quer na metade perdida do Reginento da segunda expedição à Índia. — E entre elas havia a de, antes de seguirem o rumo de descobridor, sobordar o Cabo da Boa Esperança, se desviarem de Cabo Verde em diante, rejelando através do grande oceano sempre em direção sudoeste, até encontrarem a suspensa terra já reatada em mapa-múndos.

Das parte do resultado da empresa, anunciar ao Pelicidino que realmente haviam encontrado terra nova no Ocidente, no fim das Cortes eclesias A El Rei Nosso Senhor pelo Almirante da poderosa esquadra de traze náus idas quais desaparecera apenas uma em Cabo Verde, seu subdito Sancho de Tovar, os outros onze Capitães, o feitor, os pilotos, o cosmógrafo da expedição, os dois escrivães e por ventura, os escudeiros (e talvez, frades e capelães). Não admira que se apressassem a dar a boa nova, logo que, bem ancorados no tal Porto Seguro, tinham reconhecido que realmente era estranha a gente, novos os ares, nova a terra onde haviam aportado ao 17º Sul, depois de trinta dias de singraduras, incertos e tristemente ainda sobre se era Ilha ou Terra Firme.

As palavras de Pedro Vaz de Caminha (fidalgo da casa real e Mestre da Balança de Moeda do Porto, nomeado escrivão não só da frota mas também da frotoria de Calecut) são confirmadas por outras de Mestre João, fidalgo e astrónomo da frota.

No seu relatório sobre a constatação do Corrente do Sul, e as medições pelo astrolábio das que de todo se não passava largamente

escrevieram a V. E. say Arias Correa como todos os atos.

Mas, fora os breves apontamentos desse bacharel formado em artes e medicina, e na do piloto anônimo (que estudou, veridico para italiano) conservou-se único e no original (Arg. Nav. Corpo Cronológico, Gov. S. Março 2.º, N.º 8) apenas a administração da carta que aqui tornamos legível, gradando e pontuando-a a moderna, variando as palavras e locuções antiquadas, — obra de um homem culto e dotado de inteligência superior.

Por nero acaso? Não o creio. Antes por ser Carta oficial de quem foi encarregado de redigir um relatório etnográfico, ou cultural, histórico, e a esse respeito o mais abundante em notícias e o mais repleto de referências ricas e interessantes — que de mais a mais harmonizavam com o pensar e o sentir do pacífico e muito católico soborço? Por agradarem a D. Manuel as observações nela contidas sobre a inocência da gente brasileira, e a maneira suave como os portugueses — propagadores da Fé cristã e do Império Lusitano — se haviam comportado?

No confronto, por desgraça impossível, com as outras Cartas poderia demonstrar-se. O facto de o monarca ter anulado genericamente o pedido pessoal que Pedro Vaz lhe fizera no fim da Carta, é com certeza significativo, embora se desvele só depois de o escrivão da Frotoria de Calecut ter perecido, trucidado no assalto dos Mouros, de 18 de Dezembro de 1500.

(2) De propósito conservo o termo achamento, um tanto antiquado, de que o Epistológrafo se serviu por quatro vezes: não somente nas lachetes: Introdução a uma viagem realizada de Belém a Cabo Verde e de lá à terra nova de Vera Cruz, mas na f. 9 e 11 nas referências ao Conselho dos Capitães, e nos Sermões, hábilmente apocados por Frei Henrique Soares. Descobrimos e achamos tudo achados podem ser comuns. Achamento, pelo contrário, é ação praticada por quem antes procura, tudo ou não no idioma bíblico, popularizado como provérbio entre todas as nações.

(3) Tome minha ignorância por boa vontade, significa, a meu ver, "Se que vou dar minha Carta a prova de saber pouco, mas também da minha boa vontade. Acelte Vossa Alteza, uma por outra". E realmente Pedro Vaz confessou diversas vezes a sua falta de saber a respeito de coisas positivas: algas, aves, peixes, marinhamas e singraduras (não sei quantas, não sei de que, etc.).

(4) Aquilo que vi eu me pareceu: — O Epistológrafo conta sucessos de que foi testemunha presencial. Mas também naturalmente se achou que contava apenas de ouvir-diz. Além disso expõe pensamentos seus, interpretando os fatos. No empenho de ser muito exato e verídico distingue medi-

cladamente entre o que viu e o que lhe pareceu certo. Sempre que alguma acontecimento de que não foi testemunha ocular, ou dos quais não tira indúvidas suas próprias, alega a fonte: os mareantes, os navios portugueses, Pedro Escobar, se pilotos, o sota-capitão Sancho de Teor. Com relação a medidas de tempo e espaço é scrupulosíssimo. Não o conheço o documento algum tão cheio de algarismos (romanos) como esta Carta, e com tanta probabilidade guardados de p e u e mais ou menos, obra de e outras salvaguardas da sua sinceridade. Quando se expande em opiniões individuais diz creio que; parece-me que, segundo e que, na minha opinião, etc. Ao falar da interpretação que na Ilha Capitania deu aos gestos dos aborígenes

confessa que talvez o desejo que assim fosse (que a terra nova fosse rica em metais preciosos) fôr inspirador da tal interpretação.

(5) Pedro Escobar (e não Escobar) é o nome verdadeiro do piloto, que tendo dado boa conta de si na primeira expedição à Índia, na náu de Nicolau Coelho (o Beirão), foi escolhido na segunda para ir na Capitania com Pedro Alvares Cabral. Vid. Teixeira de Aragão, Vasco da Gama e a Viagem, Documento 11.º, pág. 221.

(6) E a noite seguinte a segunda-feira lhe amanheceu se perdeu da frota Vasco datado. Tendo retificado a frase, evidentemente incorreta, de modo muito simples introduzindo a conjunção quando depois de segunda-feira. Entendo portanto que foi na terça-feira de

maquagem que uma das três náus da poderosa esquadra deixou de acompanhar as outras, sem que tempestades a obrigassem a isso (sem há azer tempo forte nem contrário para poder ser). Quanto ao nome do Capitão desaparecido, há na Decada I (Cap. 2), Odis na Chronica de D. Manuel (I Cap. 35), e Figueredo Falcão, no livro da Fazenda, encunhado de documentos novos, que hoje faltam, afirmam que o que assim prematuramente voltou a Lisboa fora Luis Pires. E com relação a Vasco d'Almeida referem que acompanhara na formidável armadura do Cabo de São João, juntamente com Aires da Silva, Simão de Pina, e Bartolomeu Dias. Nas Leis de Índia (I 946, 481).

Corre a lenda erradamente e qd. na do Capitão (Fro de Figueiro) (7) Segundo Barros, Góes, Góes, e Almirante gastou dois dias ao mar em procura baldada: circunstância que há espantosamente a interpretar o Beirão — avaro a marinhamas e singraduras — embora (esse) significativa no momento em que a frota ia tomar rumo novo, de oeste, em vez de seguir a rota do sul.

(8) As seguintes são as primeiras palavras do Beirão. Neste caminho com certeza aquele que estava presente ao Beirão — a interpretar o Beirão — avaro a marinhamas e singraduras — embora (esse) significativa no momento em que a frota ia tomar rumo novo, de oeste, em vez de seguir a rota do sul.

(9) Aty Jouvamos esta agulha norte, por ficarem anesada, parámos, estacionámos. — O verbo Jacer (jacer), deitar-se, estar deitado, repousar, era usualmente no primeiro período da língua. O perfeito forte Jovse provém de Jaque (jacut), tal qual preze, vem de Jaque (jacut), e Jaque (jacut) frequente na carta de Jaque (jacut) — por analogia com Jovse (jacut), coube (jacut), soube (jacut).

(10) Capelinha Lasso provavelmente por capelinha (de cuppa), e não por capelinha. — Varnhagen chama leucodas e turbanas aos ombreiros dos indígenas, mas nem ele nem Caminha os descreve pelo médio. Pensa é que o Beirão da Índia não trouxe, com a sua péna de rato um croqui que nos esclarecesse.

(11) Continhas brancas mudas que queriam parecer dalaviera. Faltam provas documentais de que alaviera existisse a par do aljofaleira como nome do lithopernum de Plinio (Steinmann). Todavia é menos plausível ainda que Pedro Vaz confundisse alaviera (nome árabe de verdadeiras pércias, mltidas embora a irregulares).



O escrivão Jaime Cortesão, autor de "A Carta de Pero Vaz de Caminha" (Rio de Janeiro) em conversa com Micaelis de Vasconcelos

su-  
ngo planeta qual o haviam revisto  
as navegações.

— *The voyage of Pedro Álvares Cabral to Brazil and India*, de William Brooks Greenlee. (Cout., no 11<sup>o</sup>, pág.)

# ETICA, HISTORIA E LEGISLAÇÃO JORNALISTICA

## PRIMEIRO PONTO — A MORAL. CONCERTO E IMPORTANCIA DA MORAL. A CONSCIENCIA MORAL.

A Moral é a parte da filosofia que estuda os deveres do homem; pode ser especulativa ou prática. A moral especulativa trata das regras de conduta em si mesmas; a moral prática — a ética — estuda essas regras nas suas aplicações aos usos e costumes dos indivíduos.

É a Moral a parte mais alta e desinteressada dos conhecimentos humanos; acima dela só se encontra a Teologia, a ciência das relações do homem com Deus. Como o terreno desta última é a própria região do infame, pois por maior que seja o número dos séculos que passem, o homem nunca poderá saber se são verdadeiras ou falsas as idéias que nutre acerca da Divindade — podemos dizer que entre todas as ciências humanas a que se encontra mais altamente colocada, a que fornece como que o corcamento, a cúpula de todas, é a Moral. Vêde para que trabalham todas elas. Para que se esforcem as ciências da abstracção, as ciências da estatística? Para que se esforcem as matemáticas e a lógica? Qual o fim da psicologia, o fim da química, o fim da física, o da sociologia, o da história, o do direito? Todas essas ciências que é que fazem senão visar ao homem, dirigir-se a ele, estudá-lo na sua formação, na sua evolução, no seu agrupamento, na sua constituição orgânica, no seu espírito, no seu poder de criação, de razão, de justiça, o de beleza? E seja-nos lícito perguntar, uma vez que cada coisa há de ter sua razão de ser: para que isso? Para tornar o homem melhor, para permitir que, nesta atormentada hora da vida na terra, venha ele a encontrar condições menos ásperas, mais amenizadas, do que aquelas que a Mãe Natureza, com tanta e tão cruel indiferença, trouxe.

### O ATRAZO DA MORAL.

É natural que, sendo a mais espiritual das ciências, a Moral seja a mais atrasada delas. Se traçássemos um diagrama apropriado, verificaríamos que cada ciência se desenvolveu no sentido inverso à delicadeza e à espiritualidade dos assuntos de que trata. Quanto mais material é o campo de uma ciência, mais esta progride; quanto mais delicado é aquele campo, mais estacionária ela fica. Os progressos da mecânica, da química e da física têm sido, nos últimos tempos, vertiginosos. Os mais absurdos sonhos dos alquimistas e dos nigromantes têm-se realizado no terreno científico. A televisão tornou-se uma realidade, tornou-se uma realidade o avião dotado da rapidez do som, tornou-se uma realidade o radar, a integração do átomo. Em comparação com esse desenvolvimento operado nas ciências mecânicas, as ciências jurídicas permanecem no que eram ao tempo de Hugo Grotius ou de Montesquieu. E no terreno da biologia que podemos achar, em sua mais clara evidência, a demonstração do diagrama que eu imaginava há pouco. A cirurgia, ramo científico puramente material, é sem dúvida a parte mais adiantada do currículo médico. Ao lado dela, os ramos puramente espirituais continuam ainda a tatear, num terreno de hipótese, muita vez de incipientes investigações.

Não é de espantar que a Moral, a mais delicada e mais alta das regiões da ciência, se mostre tão lenta em seu evoluir. É de qualquer maneira uma consideração tristíssima, apta quase a nos fazer descer do futuro do homem, a de que o supremo momento da moral humana souz já há vinte séculos. Foi, com efeito, nos ensinamentos de Jesus que o ho-

mem teve o mais perfeito exemplo do modelo de sua moral... Ama o teu Deus sobre todas as coisas... Ama o teu próximo como a ti mesmo... Perdão os teus inimigos.

Vinte mil anos passaram, e nenhum sábio, nenhum filósofo, pôde propor concepção que ombreasse com essa, pôde crancar palavras comparáveis a essas. Vivemos hoje — nós, os contemporâneos da orgulhosa era atômica — ainda aspirando a nos poderemos nos ver pelos conselhos do humilde carpinteiro da Galiléia.

E o pior é que o atraso não se verifica apenas no terreno da moral abstrata ou especulativa dos filósofos. Verifica-se, também, e principalmente, no terreno da moral prática, no campo das relações do homem com os outros homens. É difícil imaginar um momento da história em que o homem tenha estado mostrando tanto a rudeza dos seus instintos, a brutalidade e a truculência da sua animalidade, quanto o fez no século XX. É uma permanente humilhação para o nosso espírito, sabermos que fomos contemporâneos dos campos de concentração da Alemanha e da Itália, nos quais legiões de desgraçados eram transformadas em cobaias, para sinistras experiências científicas. É uma permanente humilhação para o nosso espírito sabermos que fomos testemunhas de fatos reveladores de inenarrável desumanidade como a destruição de Lidice, como o aniquilamento de Hiroshima pela bomba atômica.

Diante de cada fato dessa natureza nossa alma se arrepende, horrorizada. E ficamos sem saber o que é que o homem — o homem contemporâneo, de qualquer latitude que ele seja, pertença a que raça pertencer — fez do seu corpo, do seu espírito, de sua alma.

### REFLEXÃO DE RENAN, REFLEXÃO DE SPENCER

A essa trágica interrogação, que inconscientemente formula o nosso espírito, podem dar resposta uma reflexão de Renan e uma reflexão de Spencer.

Meditando sobre a existência de Deus — do Deus que tanto amou e cujos mistérios com tanta emoção procura sondar — Renan chegou a uma conclusão que não deixa de ser confortadora. Deus pode ser que não exista (medita ele); mas já se acha em formação na alma dos homens bons.

Quanto a Spencer, ele nos aconselha que esperemos a melhoria dos sentimentos humanos da evolução fatal das coisas. Para a sua filosofia, não se ponto banhada de esperança, o progresso moral da humanidade será uma decorrência da evolução cósmica; assim como o Cosmos evolui, assim evoluirá a Moral. Portanto, sem o saber, talvez sem o querer, o homem está destinado a um infalível aperfeiçoamento.

É mais ou menos o prenúncio de uma idade de ouro, o que antevê o filósofo britânico. É a expectativa de sua meditação — de seu sonho de sábio e de poeta — é sem dúvida maravilhosa.

Mas para quando será esse aperfeiçoamento, mestre Spencer? temos nós vontade de perguntar. É a única resposta que podemos receber é a inflexível nudez de todas as coisas.

### A CONSCIENCIA MORAL

Concordo ou não com Renan e com Spencer, uma coisa somos obrigados a reconhecer: a existência daquele fato do nosso espírito, a que os moralistas têm chamado a consciência moral. Essa existe, manifesta-se de muitas maneiras — na unanimidade das apreciações e dos julgamentos, no desinteresse com que o homem realiza os seus atos, no conceito, na valorização que as coletividades sabem ter para aqueles que

## Prof. MUCIO LEÃO

representaram um momento de abnegação, de altruísmo ou de superioridade espiritual. Os imperativos da consciência moral são irrefragáveis e absolutos. E compra a cada um de nós dobrá-los ser cada vez mais claros, cada vez mais exatos, em nosso foro íntimo.

De que os imperativos da consciência moral são irrefragáveis, e absolutos, temos a nítida demonstração naquele conto em que Eça de Queiroz narra a história do mandarin. A filosofia do século XVII ou XVI, ou talvez a filosofia anterior, propunha um problema psicológico: se soubesses que, nos confins da China, numa província cujo nome ignoras, existe um mandarin fabulosamente rico, cuja vida depende apenas de toques de uma campainha; se soubesses que ao tocar essa campainha o mandarin morreria e tu te tornarias o seu único herdeiro; tocarias, acaso, essa campainha, concretas, acaso, esse assassinato? Concretou o Teodoro, o personagem de Eça de Queiroz. Tornou-se, desde logo, o homem mais infortunado rico de sua terra. Tinha os poderes aos seus pés. As mais formosas mulheres procuravam seduzi-lo, aspiravam a ser por ele possuídas. Era senhor de castelos e de palácios. E com tudo isso aquele homem — que Eça de Queiroz nos mostra um funcionário mediocre numa repartição de Estado, não indicando nele

nenhuma dedicacão mais sutil dos sentimentos morais — sentia-se, no seu fausto, tão misero e tão desgraçado, que corria atrás do demônio, pedindo-lhe por tudo que resuscitasse o mandarin, para que ele pudesse sentir-se livre do horror de ter cometido o seu crime.

É claro que, se temos o espírito alçado à negação, negamos tudo. E já que citei o nome de Eça de Queiroz, citei agora o nome de Machado de Assis. Lembremo-nos daquele estranho conto, intitulado *A Igreja do diabo*. Como o Senhor tem a sua igreja, o diabo também deliberou possuir uma. E, certo dia, alcanço o voo para as amplidões, detronou-se com Deus. Explicou-lhe o seu propósito. E como Deus lhe perguntasse qual era o espírito de sua igreja, respondeu-lhe o Eterno Tentador que tudo o que pretendia era demoralizar as virtudes humanas.avia verificado que as virtudes são como rainhas, vestidas de mantos de veludo; mas que esses mantos trazem sempre uma franja de algodão. Prepunha-se a puxar pela franja, de maneira que demoralizasse as virtudes. Recebeu Deus, nesse momento, em sua glória, um anjo. E para rebater as palavras do demônio, mostrou ao príncipe das trevas aquele anjo, narrando o seu caso: vinha ele num navio que naufragara e conseguira salvar-se, saltando para cima de uma tábua que oscilava sobre as ondas. Já estava com a sua vida garantida, quando observou que ao lado, já inconsciente, em

momento de desaparecer dentro das águas, vinha um cassi de recém-casados. Não podendo salvar os dois, pois a sua tábua só comportava duas pessoas, o velho lançou-se à água, pôs sobre a sua tábua o casal, e desapareceu, tragado pelas ondas.

Onde a franja de algodão da virtude deste homem, perguntava Deus? Ele estava entre céus e águas, todos os pássaros do barco já tinham morrido, restavam apenas ele e aquele casal, já inconsciente. Onde, pois, a validade daquele ato de abnegação, que não tinha testemunha?

Sorriu o diabo, e, espírito de negação sistemática, negou também a virtude daquele velho. Fenderam o Senhor que na idade em que ele se encontrava, já estaria com sua alma desanimada a um montão de mazelas e de sofrimentos. Portanto, deixai a vida a outros em tais condições era verdadeiramente um ato de misantropia, e não de abnegação.

Como o demônio, podemos nós também negar tudo. Podemos negar a moral, a filosofia, e a própria vida.

Muitos, habituados a esse exercício de negativismo sistemático, negarão a necessidade da criação do nosso Curso de Jornalismo, e, com especialidade, dentro dele, a da criação da nossa cadeira de Eten Jornalista. Deixemo-los entretanto a esse divertido exercício mental.

Nada disso nos impedirá de prosseguir até o fim os nossos estudos severos e conscienciosos.

## Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

### I Rio, 5 de Março

Caro Amigo,

Sua carta foi para mim um encanto apesar de toda a tristeza que quiz deixar nela. A tristeza do sol nascente! do futuro desconhecido e original! Estou num momento em que bem estimaria a sua presença ao meu lado como na rua da Imperatriz, mas não como então, não adivinhada, e sim bem sensível. Infelizmente está a não sei que distância. Estamos, entretanto, q'ero acreditado, sempre perto bastante um do outro, porque nos procuramos. Aqui esteve o Dr. Gasão, que me anunciou sua estada aí muito antes de sua carta. Não sei porque a *Revista* não tem saído. Eles têm lá extenso artigo meu, inédito.

Gostei do seu retrato intelectual e encha-se dessa doce penumbra... Quando o jermos novamente, sentiremos o efeito dessa outra transição... O Dr. Gasão apreciou muito sua conferência, o que quer dizer que lhe devo eu, a ele, também essa boa impressão.

Desejo-lhe e a todos os que o cercam em S. João del Rei todo o benefício de sua permanência aí. Eu se pudesse ia também fazer-lhe companhia. Alguma coisa atraí-me sempre nos lugares onde o Sr. está. Queira-me bem e dê-me de quando em quando o prazer de ver a sua letra.

Tudo seu em verdade

Joaquim Nabuco

### II Sexta-feira Santa

Meu caro Dr. Graça Aranha, Não o tenho visto há dias, o que me deixa sem notícias da nossa pequena caravana. Hoje estamos no Calvário, mas amanhã rogo-lhe o obséquio de passar por esta sua casa na sua ida para a cidade. Vejo que Miné, Graça Aranha não foi boa catequista e que perdemos o Caldes Viano. Haverá ainda alguma esperança? Antecorremos eu e minha mulher uma hora à espera de um bonde que passou cheio. Como era tarde, não pudemos mais ir. Ontem e hoje deixamos nos ficar sem notícias de fora. Mand-me dizer se sabe alguma coisa deles, entretanto.

Tudo seu

Joaquim Nabuco

### III Maricá, 1.º de Julho de 1908

Meu caro Amigo, Muito agradecido pela remessa de *El Tiempo* que o tradutor já me tinha enviado. Traduttore, traditore... A tração é, porém, feita com tanta amabilidade que não há senão agradecer. O pobre do meu Paquicho saiu mais ferido do que eu mesmo.

Entrai a nossa Academia se está despovoando! O meu voto para a cadeira do Luiz Guimarães será do nosso ilustre João Ribeiro; não lhe parece, porém, que ao Pereira da Silva deve suceder o Rio Branco?

Aconselho-lhe que obtenha da Secretaria de Estrangeiros, *chi lo se?* os cinco volumes da missão de Washington que ele desempenhou. Diga-me depois se entre os nossos queridos não é sensível a falta de tal nome. Eu receio muito da animação ao que entre nós se chama especialmente literária; devemos animar de preferência os estudos. Não sei porque lhe estou escrevendo a esse respeito em vez de deixar o assunto para o nosso chá, que espero tomar em poucos dias. Então o Paul Groussac também aí esteve! Decididamente o José Veríssimo é um mágo; também, tendo por auxiliar um futuro Cabo Priol!

Muitas saudações a todos, e até para a semana.

Do seu mt.º agradecido e sincero Amigo

Joaquim Nabuco

### IV

Confidencial Dez. 15, 89.

Meu caro Dr. Graça, Acabo de receber do Corrê uma carta em que ele me diz que talvez o Governo Inglês proponha agora desistir-se do arbitramento e chegar-se a uma solução direta. Não creio nessa previsão. Em que todo o caso ele Corrê insinuava que nós havíamos de insistir pela nossa última proposta. Estou certo que o Governo agora não aprovaria mais tal concessão, e isto creio está na carta que o Dr. (Continua na página 14)

## ASSINATURAS

	Anual	Semestral	Trimestral
Em todo o Brasil .....	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
No exterior .....	Cr\$ 130,00	Cr\$ 70,00	Cr\$ 40,00

ENDEREÇO: Rua Fernando Mendes, 7-12.º and.  
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Número avulso em todo o Brasil — Cr\$ 2,00

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

## PRIMEIRA SERIE — ANTOLOGIA DA POESIA

### XXX — Valfredo Martins

## VALFREDO MARTINS

Nasceu em Campos, Estado do Rio, a 10 de dezembro de 1890.

Curvou a Faculdade de Medicina, colando grau de diplomado em farmácia em 1909; iniciou depois, o curso médico, que interrompeu. Em 1914 fez o curso de vacina jeneriana com o Barão de Pedro Afonso e exerceu o cargo de preparador do Instituto Vacínico do Estado do Rio de Janeiro. Foi nomeado professor de Química Toxicológica e Bromatológica da Faculdade Fluminense de Medicina, não tendo podido acumular. Exerceu o cargo de Inspetor de Exames comissionado pelo Departamento Nacional do Ensino — em 1926 na cidade de Santos, e em 1927 e 1928 no Distrito Federal. Serviu como Diretor da Biblioteca Universitária do Estado do Rio de Janeiro. Foi Chefe da Rectoria de Niterói, Diretor Geral do Tesouro, Diretor da Receita Pública, Diretor de Economia e Finanças, Presidente da Junta de Recursos Fiscais, Delegado do Estado à Conferência Nacional de Legislação Tributária, reunida no Distrito Federal em 1941. Representou seu Estado natal junto ao Ministério da Justiça nos trabalhos de padronização dos orçamentos estaduais e municipais; é de sua autoria a contribuição apresentada pelo Estado do Rio.

Foi, ali, Secretário das Finanças, (1939 a 1945).

## BIBLIOGRAFIA DE VALFREDO MARTINS

— *Imagens Perdidas*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1935, 46 págs.

Este livro consta apenas de dez sonetos seguintes, que vão todos transcritos neste número DE AUTORES E LIVROS:

O *Bracelete*, *Taça*, *Cabaret*, *Uma mulher*, *Cobardia*, O *Cajazeiro*, O *Obelisco*, A *Navalha de Rollinat*, *Janela abandonada*, O *encontro*.

Os demais sonetos, que vão acrescentados às nossas páginas, são inéditos.

## OS ANTIGOS JARNALISTAS BRASILEIROS EM "AUTORES E LIVROS"

Nesta sua nova fase, "Autores e Livros", vai constituir-se, como accentuamos em outro lugar deste fascículo, uma ampla história da literatura brasileira. Temos o programa de editar, a seguir ao número dedicado a Pero Vaz de Caminha, um número dedicado a Pero Lopes de Souza. Virão, depois, os números referentes a Nóbrega, a Anchieta, a Bento Teixeira, a Gandavo, a Cardim, a Gabriel Soares de Souza, etc.

Compreendemos, porém, que esses autores, pelo seu tom arcaico, pela monotonia dos assuntos de que trataram, são pouco aptos a despertar a curiosidade e o interesse dos leitores. Por esse motivo, é desejando (Continua na 15.ª página)

## SONETOS DE VALFREDO MARTINS

### O Bracelete

O que mortal acreditel outrora,  
— Palido amor de duração tão curta,  
Do claro corpo o jaspe e o odor de murta,  
Num esquite de prata foi-se embora.

Tuas joias revendo, à inquieta hora  
Da noite que ao sono a alma me furta,  
Uma lágrima, à flor dos olhos surta,  
Vem me queimar as pálpebras agora.

Como que, então, do rutilo tesouro,  
Tocada de um fulgor que a vista espanta,  
Essurges ataviando as réguas prendas.

E ah! que radiar de bracelete de ouro,  
Félos salies, mordendo a carne branca  
De um punho aristocrático de rendas!

### Taça

Esta vasia taça que ébrio empunho,  
E onde houve espuma de incendida fonte,  
Faz-me passar, pela turbada fronte,  
Lendas a evocar-lhe o testemunho.

Ergue-a Petronio à saturnal defronte,  
Partindo-a, e a vela abrindo ao branco punho!  
E, ainda tonto do êxtase, estremunho  
De um sonho em que bebi com Anacreonte!

Choram talados ideais, primeiras  
Estátuas rotas, mármore partidos,  
Rolam com fragor surdo pelas trevas.

E como que ouço os bacchícos adeuses,  
E como que ouço os tumultuosos ruidos  
Da última noite em que beberam deuses!

### Cabaret

Mãos que dizem adeuses aos vampíricos  
Conabios entre síncope e arrancos,  
Mãos que buscam nirvânicos empires  
Nos paroxismos dos venenos brancos;

Mãos que empunham taças nos delírios  
Das grandes noites de prazeres francos,  
Mãos de amores fatais e de martírios,  
Mãos brancas que afagaram corpos brancos;

Mãos que ao fulgor das joias lampejando,  
Nos duelos dos naipes esgrimistes,  
Riquezas recolhendo e dissipando.

Mãos que acórdais memórias de outras datas:  
Ah! passagens magníficas e tristes  
Das Margaridas e das Travestias!

### Uma Mulher

Eras o brilho, a lentejoula, a graça,  
A divindade dos galanteadores,  
A flor sensacional de um fim de raça,  
Para a corte dos poetas pecadores.

Hoje te lembro, e por meus olhos passa  
Todo o inculto empecador dos teus amores,  
— Cetas alegres, misturando à taça  
Da tua boca raios e licores.

Vejo-te então, as sêdas e os brocados,  
A carne nua, voluptuosa e linda,  
Meu jardim de Epicuro dos pecados.

E estas mãos que em teu corno se abraçaram,  
Sentem no tato, eletrizado ainda,  
O latejar dos seios que afagaram.

### Cobardia

Cerrando los ojos la dejé passar  
Amado Nervo.

Passou radiosa. Flor de um raro encanto,  
Tipo invulgar de graça feminina,  
Era de ver-lhe o esbelto porte, e quanto  
Lhe modelava o corpo a seda fina.

No que passou, discreta e repentina  
Cravou-me o olhar de tropical quebranto,  
E aquele olhar de quem não se domina  
Quedei suspenso em mal contido espanto.

"Segue-a!" — gritou-me o coração inquieto.  
Mas tive medo de aumentar o azeviche  
De vulturas chagadas a potajar.

E assim, seculoso embora de um afeto,  
Eu também como tu, Amado Nervo,  
Fechando os olhos, a deixei passar.

### O Cajazeiro

Pomo de ouro que excita, inflama, exalta  
O paladar! Extravagante pomo!  
Se não lá nas mãos cupidadas o tomo  
E a avidez de mordê-lo não me assalta,

Os cachos pelas franças da árvore alta  
Olhando agora em comovido assomo,  
Da infância esfolho o recamado tomo  
E humido brilho os olhos meus emalta.

O cajazeiro! com que ingênua mágoa  
Por não poder galgar os teus penachos,  
Nos meus oito anos eu te contemplava!

E ávido o olhar, e a boca cheia d'água  
Dourado como o meu cabelo em cachos,  
Os teus cachos tão altos cobrava.

### O Obelisco

Aveão de era morta, o vulto de granito  
Opondo à ira do solo a sempiterno aspecto,  
O obelisco sugere um beduíno insurreto  
Que um deus ostrificou nas areias do Egito.

Argintadamente, heróicamente erecto,  
Parado no deserto é um ciclope interdito!  
Enigmático! I de um cômico alfabeto,  
Cujos pontos se pendem entre os soes, no infinito!

Medindo-o de alto a baixo ao relance, lhe noto  
A resistência hostil, o aspecto resoluto  
Contra o simoun que passa em torvo terremoto.

E, auscultando-lhe o ser petreo, como que escuto  
A voz tradicional de um século remoto  
Na clássica expressão do silêncio absoluto.

### A Navalha de Rollinat

C'est pourquoi je m'en vais le jeter dans un trou  
Car avec lui je sens que je deviendrais fou  
Et que je finirais par me couper la tête!  
Le rasoir — Maurice Rollinat

O artista foi satânico no entalhe  
Singular desta lâmina argentina.  
O pormenor de uns arabescos dá-lhe  
Requintes de obra de arte bizantina.



Valfredo Martins

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## PRIMEIRA SERIE — ANTOLOGIA DA POESIA

### XXX — Valfredo Martins

Da sanguinária témpora ao detalhe  
A mão que a caldeou mostra a má sina.  
Dir-se-á que a folha fugida agasalha  
No aço o gênio infernal do Proserpina.

As vezes, quando em tempestade, a mente  
Se amove de insanía, sublimação  
Vejo-a brilhar facinorosamente...

Faz convites sinistros... E, a um alarme  
De horror, passa na sombra do meu crânio  
O pensamento atrás de degolar-me.

#### Janela Abandonada

Esta janela, hoje erma, hoje deserta  
Venho rever e a reconheço a custo,  
Esta que, outrora, em pompa ao sol aberta,  
Emoldurava o seu fidalgo busto.

Balcão donde ela a rir me fez a oferta  
Do seu primeiro olhar piedoso e augusto,  
E, sempre, às noites, palpitante e alerta,  
Esperava por mim, fria de susto.

Hoje tudo mudou, hoje mais nada  
Dêse bom tempo de ventura resta;  
Hoje quem passa a vê abandonada.

De dia o sol em chispas a ilumina,  
E, à noite, a lua pálida lhe empresta  
A perspectiva triste de uma ruína.

#### O Encontro

Se não te é meu destino indiferente,  
Se alguma coisa ainda em ti perdura,  
E, neste encontro, não te esquece a mente  
Que tu causaste a minha desventura,

Bendito o teu olhar que me procura  
Na multidão anônima da gente,  
Olhar donde uma gota mal segura  
Reitou na noite do pecado ardente.

Mas se tudo passou, se na penumbra  
Em que vivo, se na ansia que me invade,  
Reverendo-me a alma se te não deslumbra,

Então, sequer-te as pálpebras vazias!  
Porque esse olhar foi de curiosidade  
Para ver a desgraça dos meus dias.

#### O Gaturamo

Pássaro de onro e azul, quimera dos felizes,  
Tens nas asas o céu e tens o sol no peito,  
Iluminado astral dos videntes eleito,  
Profeta da ilusão, a fortuna predizes.

Vais cantando talvez os frívolos desejos  
Daquela que te olvidas, embora tão perfeito.  
Pareces a chorar o teu sonho desfeito  
Misterioso Arlequim de bizarros matizes.

No chão onde cair teu ser de lantejola,  
Quando Deus reclamar a alma que te perfuma,  
Azul há de nascer a flor de uma papoula.

Depois, a desvendar-te o secreto tesouro,  
Cintilante, ofuscante, em teu flocos de pluma,  
Has de subir ao céu como uma estrela de ouro.

#### Miragem

As vossas finas mãos de âmbar vestidas,  
Onde o luar se aveluda e a fria espuma  
Das ondas põe volúpias consumidas,  
As vossas mãos que o sândalo perfuma,

Mãos que, encantadas como as do rei Midas,  
Cintilam no halo de dourada bruma,  
Mãos que dentro das minhas esquecidas  
Me dão no tato a sensação da pluma,

Mãos roubadas a ídolos ou deuses,  
Rorejadas de um sol glacial de invernos,  
Mãos de Friné no tribunal de Eleusas,

Em as odeio como o escravo da ilha  
Ogigia odiava os lírios samptíornos  
Pelo esplendor da sua maravilha,

Taça

Esta vasija taça que abris empunhando,  
Quando houve a ignomina da interdita fonte,  
Faz-me passar pela turbada fonte  
Legendas da encapada e tenebrosa.

Enxame - a Petrópolis - a natural defonte,  
Partindo-a, a a veia abando as lufas quentes.  
Quinta tent. de estase estocando  
De um sonho em que hebi com Anacorete.

Choram talades ídolos, príncipes  
Estátuas rotas, marinheiros partidos,  
Rolam com fígar rudo pelas trevas.

E como que ouço os baquicos adenses,  
E como que ouço os tumultuosos ruídos  
Da subiturna noite em que heberam deuses.

Valfredo Martins

Autógrafo de Valfredo Martins — Soneto "Taça"

#### Eliane é uma estrela

No esculho de diamantes que te encerra,  
Plena de graça, cintilante e linda,  
Chegas ao céu, e, à pálida bemvida,  
A porta de ouro um querubim descerá.

Na solidão de quem ficou na terra,  
Como em teus brinques infantis ainda  
Rutila nevosa de ilusão infanda,  
Flauta imortal a tua imagem erra.

Do teu sepulcro, à luz que o transtigura,  
As rosas vão fulgindo pela altura  
Cheias de pirlampas a acendê-las.

Es uma flor das noites e alvoradas,  
E teu jardim como um jardim de fadas,  
O jardim encantado das estrelas.

#### O Lírio

Irmão das ninfas, ser dos deuses consanguíneo  
Passa na terra hostil, fívolo como um duende,  
Fugindo à ira do fogo, o fogo do exterminio  
Que nos céus tropicais o sol do estilo acende.

Pelas noites de glória, no mágico fascínio  
Das flamas de cristal que o estelário suspende,  
No alio da palma de ouro, alígero e apolíneo,  
Como um pássaro branco, irisado resplende.

Flor dos braços dos reis, da heráldica dos gênios,  
Murcha roçou no pó. Mas, no tempo aureolado  
Paira eterno um instante ao curso dos milénios.

Foi no auge da tragédia, aos atos do martírio,  
Que Madalena viu Jesus ensanguentado  
Na haste negra de cruz transformar-se num lírio.

#### EDIÇÕES DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

(Cont. na 8.ª pag.)  
Coleção Hakluyt Society — 1938.

Tras a versão para o inglês acompanhada de notas.  
— Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral — Lisboa — 1940.

Tras o texto fac-similar acompanhado da transcrição linha a linha de uma versão em linguagem atual. Foi publicada sob a responsabilidade de António Balão.  
— A Carta de Pero Vaz de Caminha com um estudo de Jaime Cortesão — Edição Livros do Portugal — Rio — 1943. 361 páginas. Tras a reprodução fac-similar da Carta e uma versão atual.

#### UMA CANDIDATURA ACADEMICA

(Continuação da 1.ª pag.)  
da pública, em todos os pontos que tem ocupado, o espírito por excelência harmonioso e nobre, o pensador de pura linha atica, o brilhantíssimo estilista.

Vai elegê-lo agora a Academia Brasileira de Letras, para a cadeira n.º 3, que tem como patrono Artur de Oliveira, e que foi fundada por Filinto de Almeida e depois ocupada pelo saudoso Roberto Simonsen.

É um justo reconhecimento aos grandes méritos do autor daquela esplêndida monografia intitulada — *Do Poder Executivo na República* — e daquele eloquente volume que tras o título de *Discursos*.

# Cronologia da Carta de Pero Vaz de Caminha

## O PROBLEMA DO LIVRO

O problema do livro vai-se revestindo, no Brasil, de aspectos muito sérios. Diz-se que numerosas editoras da Capital da República estão em vésperas de abrir filial, e, seja lá a verdade ou seja mentira, é fácil verificar que as livrarias da cidade estão praticamente às moscas.

Escasseiam os leitores... as livrarias vão à falência.

Mas por que escasseiam os leitores? Evidentemente, pelo alto custo dos livros. Estamos, assim, diante de um círculo vicioso: a livraria não vende, porque o leitor não aparece; o leitor não aparece, porque o livro é muito caro...

Nesse ramo de comércio, como em todos os outros, o brasileiro está possuído da mania do lucro alto e imediato. Outrora, num dos chamados abertos da cidade, a média do preço do livro comum era entre 2 e 5 cruzeiros. Hoje? É entre 20 e 30... Naturalmente, o comprador — que em geral não é rico — se retrai.

Se em vez de pleitearem medidas governamentais em seu benefício, os livreiros tomassem a iniciativa de ir barateando o mais possível os livros, creiamos que melhorariam de muito sua situação. Como vai, porém, a coisa não terá remédio. O Governo lhes dará, a eles, medidas de proteção: os preços dos livros continuarão os mesmos, se até não aumentarem; e o povo, que continuará a não poder pagar, continuará a passar na porta das livrarias, olhando para os balcões proibitivos... e ir embora...

### Nota sobre "Os Homens Ocos", de T. S. Eliot

T. S. Eliot (Thomas Stearns), poeta e crítico, nasceu em St. Louis, nos Estados Unidos, em 1888. Transferido-se pouco antes da Grande Guerra para Londres, aí assistiu o maior período da sua criação literária, adaptando-se antes ao modo da poesia inglesa que da americana. Publicou "Poemas" (1909-1935), onde recolheu "o que gostaria de preservar da sua poesia", com exceção de "Murder in the Cathedral", drama lírico de grande valor. Eliot reúne, com uma felicidade que faz pensar em Coleridge ou Baudelaire, o artista ao crítico, tendo realizado ensaios indispensáveis à boa compreensão da poesia inglesa tais como "Elizabethan Essays", "The Use of Poetry and The Use of Criticism", fora uma famosa estuda sobre Dante e outros trabalhos. Seus grandes mestres foram Dryden e Mallarmé. Eliot levou ao exagero, como o poeta do "Après Midi d'un Faune", o exercício sobre a substância verbal da poesia. Profunda e propositalmente hermético, fazendo do hermetismo uma espécie de valor essencial do seu lirismo, Eliot no entanto, não se furtou à vocação íntima do canto. Cantou, por vezes, com um arrebatamento que leva o leitor ao mais alto da compreensão poética. Seu último drama em versos, "A Family Reunion", obedecendo às constantes da sua poesia, é uma grande e trágica evasão do espírito anglo-católico em busca do esclarecimento total da palavra virtualmente poética. O poema que hoje damos, em tradução de Vilnius de Moraes, é considerado uma obra-prima da moderna poesia inglesa. Data de 1925 e trás sob o título o seguinte encarecimento "Mistah Kurtz — é morto". Esse outro grande poeta que foi William Butler Yeats, incluiu-o no seu "Oxford of Modern Verse" (1922-1935). — V. de M.

(O poema a que se refere a nota acima se encontra à página 18 deste número de AUTORES E LIVROS. É uma reprodução do número 10 do primeiro volume (19 de Outubro de 1941.)

- 1500 (sexta-feira — 1.º de maio) — Pero Vaz de Caminha escreve a el-rei D. Manoel sua "Carta", comunicando o "achamento" da Ilha de Vera Cruz.
- 1713 (19 de fevereiro) — Fax-se na Torre de Tombo, por ordem do guarda-mór do Arquivo, uma cópia em boa letra da "Carta" "para melhor inteligência do seu original". Era guarda-mór da Torre de Tombo o Dr. José de Seabra da Silva e escrevia Eusebio Manoel da Silva.
- 1785 — O historiador espanhol Juan Batista Muñoz, indo a Lisboa recolher documentação para a sua obra — "Historia del Nuevo Mundo", da qual editou em 1793 o primeiro volume — extrai na Torre de Tombo a "Carta" de Pero Vaz de Caminha.
- 1817 — Em sua "Corografia Brasílica (Impressão Régia — Rio) — o Padre Manoel Aires do Casal dá pela primeira vez à estampa a "Carta" de Pero Vaz de Caminha.  
Dá, igualmente, o primeiro estudo que se conhece da Carta.
- 1821 — Ferdinand Denis publica, no "Journal des Voyages", em versão francesa, a "Carta" de Caminha.
- 1822 — A tradução de Ferdinand Denis é reproduzida por H. Taunay e F. Denis em "Le Brésil ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume".
- 1825 — Aparece a tradução para o francês, de F. Denis, em seu "Scenes de la Nature sous le tropique" — Paris.
- 1825-1827 — Navarrete (tomo III de sua "Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV") refere-se ao extrato que Muñoz fez da "Carta", da Torre do Tombo.
- 1826 — A Academia das Ciências de Lisboa incluí no n.º III do tomo IV da "Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas" a Carta de Caminha.
- 1828 — Aparece a primeira versão alemã da Carta — "Feldners Reise durch Brasilien".
- 1830 — João F. Lisboa publica no "Jornal de Timon" a 1.ª "tradução" que se conhece da Carta de Pero Vaz de Caminha.
- 1892 — José Ramos Coelho em "Alguns documentos do Arquivo Nacional da Torre de Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas", transcreve a carta — "muito melhorada", diz Jaime Cortesão.
- 1897 — O historiador argentino Luis L. Dominguez publica em "La Biblioteca de Buenos Aires um estudo em que compara a Carta de Pero Vaz de Caminha com a de Mestre João e com a "Relação do Piloto Anônimo" — concluindo que a Carta de Caminha é apócrifa.
- 1900 — O Instituto Histórico e Geográfico da Bahia publica a "Carta", acompanhada pela 1.ª vez da edição em "fac-símil" zincografado e de uma versão em italiano no português atual ("Carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manoel", Bahia, 1900).
- 1900 — Pereira da Costa publica, na "Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco", um estudo — "Pero Vaz de Caminha — primeiro cronista do Brasil". Dá ali um texto atualizado da "Carta" e um apêndice com notas.
- 1900 — Capistrano de Abreu publica seu estudo "O Descobrimento do Brasil pelos portugueses". Dá ali uma versão livre da "Carta".
- 1902 — Souza Viterbo publica seu folheto — "Pero Vaz de Caminha e a primeira narrativa do Descobrimento do Brasil" (notícia histórica e documental), Lisboa.

- 1908 — Capistrano publica seu estudo "Vaz de Caminha e sua Carta" (Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Mineiro) LXXI, 2.ª 109.
- 1910 — João Ribeiro publica, em seu "Faborda", seu estudo sobre a Carta, com a transcrição do documento.
- 1923 — Carolina Micellis publica a sua "Versão em linguagem atual da Carta" História da Colonização Portuguesa do Brasil — 2.º volume) com inúmeras notas filológicas.  
Sobre este trabalho eis o comentário de Jaime Cortesão: "Inteligente a versão do grande Romanista está manchada por erros graves e até falhas de texto; e se completa, em parte, o estudo de João Ribeiro, a sua valiosa lição filológica, que não se apóia no conjunto de outros textos, nem sempre faz honra à inimitável mestre". ("A Carta de Pero Vaz de Caminha", p. 39).
- 1923 — Carlos Malheiro Dias publica seu estudo "A Semana de Vera Cruz", em que se ocupa muito da Caminha ("História da Colonização Portuguesa", vol. I).
- 1932 — Artur de Magalhães Basto publica a sua conferência — "O Porto e a Era dos Descobrimentos" — onde faz importantes revelações sobre a biografia de Caminha.
- 1933 — Moisés Glikovake publica, na "Revista Nacional de Educação", (julho daquele ano), seu estudo — "A Carta de Caminha e a Etnografia".
- 1933 — Manoel de Souza Pinto publica seu estudo — "A Carta de Pero Vaz de Caminha, edições e leituras" (Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Micellis de Vasconcelos — Em Revista da Universidade de Coimbra, vol. XI).
- 1934 — Manoel de Souza Pinto publica seu trabalho "Pero Vaz de Caminha e a Carta de "achamento" do Brasil", edição da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1938 — William Brooks Greenlee publica "The voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India" — Col. da Hakluyt Society — Vem acompanhado de uma versão da Carta para o inglês e de muitas notas e documentos.
- 1940 — Antonio Raimundo publica "Os sete únicos documentos de 1500", conservados em Lisboa referentes à viagem de Pedro Alvares Cabral — Lisboa.  
Traz o texto fac-símilado e a transcrição, linha por linha, de uma "versão em linguagem atual" da carta.
- 1941 — Angiene Costa publica, na "Revista Brasileira" (n.º 3 — dezembro daquele ano) seu estudo — "O Índio na Carta de Pero Vaz de Caminha".
- 1941 — Antonio Cruz publica seu estudo sobre "Pero Vaz de Caminha cidadão do Porto (Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto", vol. IV — junho — setembro de 1941).
- 1942 — Carlos Simões Ventura publica "A mais recente leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha — Brasília", n.º 1.
- 1942 — Oliveira Pinto publica as "Notas sobre as aves mencionadas por Pero Vaz de Caminha" — em "Papéis avulsos do Departamento de Zoologia", Secretaria da Agricultura — vol. 11 — São Paulo.
- 1942 — Jaime Cortesão dá a sua "A Carta de Pero Vaz de Caminha" — 351 páginas — coleção Clássicos e contemporâneos — Rio.  
Aí faz o estudo biográfico de Caminha, dá os apontamentos essenciais sobre a sua famosa "Carta", a reprodução "fac-símil" do documento, uma adaptação da "Carta" à linguagem atual, e numerosas notas críticas e filológicas sobre o documento.

# NOTAS À CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

(Continuação da 7.ª pag.)  
preto, negro (de cor apertada, concentrada), que convertem essa sua antiga forma em todo o péssimo. Embora as reproduções tenham perto, a fotografia da carta mostra preto, tanto em página inicial, como na 16.ª. Ambas as formas são adjetivos portubras tirados de apertar apertar (ad-pectorare, isto é, comprimir contra o peito, comprimir, aproximar em geral).  
(45) Pano de amarrar de muitas cores são os panos de cruz (Aras) com que se enfeitavam as paredes dos palácios portugueses no brechido durante o inverno.  
(46) Trazena todos os teus... (47) Trazem todos os teus... (48) Trazem todos os teus... (49) Trazem todos os teus... (50) Trazem todos os teus... (51) Trazem todos os teus... (52) Trazem todos os teus... (53) Trazem todos os teus... (54) Trazem todos os teus... (55) Trazem todos os teus... (56) Trazem todos os teus... (57) Trazem todos os teus... (58) Trazem todos os teus... (59) Trazem todos os teus... (60) Trazem todos os teus... (61) Trazem todos os teus... (62) Trazem todos os teus... (63) Trazem todos os teus... (64) Trazem todos os teus... (65) Trazem todos os teus... (66) Trazem todos os teus... (67) Trazem todos os teus... (68) Trazem todos os teus... (69) Trazem todos os teus... (70) Trazem todos os teus... (71) Trazem todos os teus... (72) Trazem todos os teus... (73) Trazem todos os teus... (74) Trazem todos os teus... (75) Trazem todos os teus... (76) Trazem todos os teus... (77) Trazem todos os teus... (78) Trazem todos os teus... (79) Trazem todos os teus... (80) Trazem todos os teus... (81) Trazem todos os teus... (82) Trazem todos os teus... (83) Trazem todos os teus... (84) Trazem todos os teus... (85) Trazem todos os teus... (86) Trazem todos os teus... (87) Trazem todos os teus... (88) Trazem todos os teus... (89) Trazem todos os teus... (90) Trazem todos os teus... (91) Trazem todos os teus... (92) Trazem todos os teus... (93) Trazem todos os teus... (94) Trazem todos os teus... (95) Trazem todos os teus... (96) Trazem todos os teus... (97) Trazem todos os teus... (98) Trazem todos os teus... (99) Trazem todos os teus... (100) Trazem todos os teus...

segura ou firme que se pode trabalhar com elas...  
(48) Lacio é presente. No caso mencionado por Pero Vaz de Caminha (frigi da mine). Lacio é origin, e apenas sei que o singular feminino lacio é germânico (backen).  
(49) Armadura, dente, presa de javali.  
(50) Uma pequena de cera vermelha: uma pouca de cera.  
(51) Empremer: erro do escrito por empremer, imprimir.  
(52) Crunho por conho; influido por ventura por cruz, na fórmula frequente de cruz ou conho?  
(53) Chunar, chentar, arrolar e vulgarizar por planhar, plantar.  
(54) Ser, ser. Em vista da província do verbo ser, (de sede-estar sentido) e das formas supletivas com que em português se completa esse (p. ex. seja, sede), não pode admirar que a clássica distinção entre ser e estar não se fixasse senão no decorrer do século XVI.  
(55) Os Apóstolos São Felipe e Santiago.  
(56) A outra vinda de Nicolau Coelho, claro que foi a de Vasco da Gama, em que o valente Capitão tivera parte.  
(57) Praya parma parece estar no original, a não ser que em vez de rma leiamos na, entendendo parma mesmo chão e muita frescura. Confesso todavia que desconho essa designação; como

desconheço parma (como adjetivo tirado de parame) que quanto ao sentido não se podia aplicar a uma praia formosa. Nem sei conjecturar qual outro lapsus caminhi houvera, na letra troçada a 1 de Maio de 1500.  
(58) Entre dois aqui a voz atezca e do que nesta terra se falta o complemento conta... Propositadamente é que Caminha repete a frase do que se havia servido no princípio da Carta.  
(59) Vossa filha da Vera Cruz regular (n.º 1, 3) o nome, dado por Pedro Alvares Cabral à região nova que descobriu, Caminha emprega Terra da Vera-Cruz. No mesmo dia o fidalgo João Magister arrola em medições babilônicas a sua comunicação com os povos da Fez em Vera-Cruz... É provavelmente assim direita todos quantos mandavam os seus relatórios ao soberano mandatório. Mas a designação foi cetera. Quando a Nau dos mandamentos chegou a Lisboa e Gaspar de Lencastre entregou a Cordeira de Albuquerque algum lembrete de D. Manuel que tal nome era incorreto, Vera-Cruz era apenas a Cruz do Marmelar (mantida p. ex. na célebre batalha do Salado, prior da Ordem de S. João do Hospital), visto que, encaixado nela, havia como reliquia um estilhado daquela que, segundo a Tradição, servia no Gólgota. E a certeza a denominação de Santa Cruz.  
Santa Cruz já daria o próprio D. Manuel na Carta aos Reis Católicos (publicada em Roma em 1504). E Barros (com insistência apocri-

nada), Odis, Odisio, Moffet, Magalhães Gândavo adoptaram o nome, desprezando o de terra de pagagalos (a terra de li pagagal) empregada por Pissani. Mas a voz popular que alcançou o principal artigo de exportação, o pau brasil, fez vencer o de Brasil (logo propagado no estrangeiro (Brasiland, por Hans Mayr). Quanto ao problema cosmográfico, o piloto anônimo diz a cautela: "Não podemos saber se era Ilha ou Terra Firme, ainda que nos inclinamos a esta última opinião".  
**A obra de João Ribeiro**  
A obra de João Ribeiro, como se sabe — a parte publicada pelo grande escritor e a que foi organizada por Mucio Leão — sobe a um total de 60 volumes.  
Tendo despertado o interesse de quantos no Brasil se preocupam com as coisas da literatura e do espírito, a obra do extraordinário polígrafo mereceu o especial carinho do Instituto do Livro.  
Parece certo que, ainda este ano ou o ano que vem iniciará o Instituto do Livro a publicação das obras completas de João Ribeiro.

# "AUTORES E LIVROS" EM SUA NOVA FASE UMA APRECIACÃO SOBRE "AUTORES E LIVROS"

MÚCIO LEÃO

**AUTORES E LIVROS** inicia hoje nova fase de sua existência. Depois de três anos de desassossego, voltamos ao fraternal contacto dos leitores.

Como se sabe, **AUTORES E LIVROS** começou a circular em 19 de Agosto de 1941, sendo o suplemento literário de *A Manhã*, o jornal de Cassiano Ricardo. *A Manhã* nessa sua fase inicial era uma folha de raro esplendor, digna de servir de modelo à imprensa de qualquer país do mundo. Reunia uma redacção brilhantíssima, na qual, ao lado de Cassiano Ricardo, encontravam-se valores como Ribeiro Couto, Viriato Corrêa, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Geraldo do Sylós; um corpo de colaboradores de idêntico valor, no qual encontrávamos os nomes de Roquette-Pinto, Oliveira Vianna, Gustavo Barroso, Jorge de Lima, Afonso Arinos de Mello Franco, José Lima do Rego, Gilberto Freyre, Murilo Mendes. Seria justo fazer-lhe o eloquente elogio que outrora Joaquim Nabuco fizera ao *Jornal do Brasil* (ao *Jornal do Brasil* do tempo de Rodolfo Dantas e dele próprio Joaquim Nabuco, é bem claro). Dizia o lapidário estilista de *Minha Formação*: "O traço característico do *Jornal do Brasil* é ser um jornal saído de um gabinete de estudos".

Idêntico elogio, com maioria de razão, deverá ser feita àquela folha admirável que de 1941 a 1948 dirigiu com devotamento e amor o grande poeta de *Um Dia Depois do Outro*.

Nascendo com *A Manhã*, sendo seu suplemento literário, **AUTORES E LIVROS** constituiu-se antes uma obra, antes uma história da literatura, do que propriamente um jornal, o suplemento de um jornal.

Quando suspendeu sua publicação — em 11 de Março de 1945 — tinha dado 126 fascículos, formando uma série de 8 volumes. Abrangia essa série mais de 300 autores da nossa literatura. De acordo com o plano o que inicialmente nos propalamos, dava-se cada semana de cada um desses autores tudo o que fosse necessário para um bom conhecimento de sua figura, para um exato julgamento de sua obra. Dava-se-lhe a biografia e bibliografia, a relação das principais fontes a ele referentes, um abundante material iconográfico, a reprodução fac-similar de documentos íntimos, uma releitura de seus trabalhos em prosa ou de seus trabalhos em poesia, uma escolha das melhores críticas que lhe usassem respeito. Tal serviço era prestado aos autores mortos que tinham constituinte os maiores estelares do espí-

rito brasileiro; era prestado aos autores vivos já consagrados pelo aprego público; e era prestado também aqueles que apenas se iniciam, a prosadores e poetas ainda em plena adolescência.

A constância e a sinceridade desse esforço foram, meros de Deus, compreendidas pelos leitores. Tínhamos em *A Manhã*, cada domingo, a alegria de ver completamente esgotadas as edições de **AUTORES E LIVROS**. Não raro, nas segundas-feiras, víamos surgir na redacção colecionadores que iam oferecer 50 e 100 cruzeiros por um fascículo, que horas antes, na véspera, fora vendido pela metade de um cruzeiro. — E já não dispunhamos, nós também, na redacção, de um só fascículo, com que pudéssemos atender a esses leitores!

Ao lado desse estímulo direto, recebíamos, para prosseguir o grande esforço de **AUTORES E LIVROS**, um estímulo de outro género: o número considerável de cartas que nos vinham de toda parte — do Rio de Janeiro, do resto do Brasil e até mesmo do estrangeiro: cartas nas quais nos eram dadas as demonstrações de uma perfeita compreensão, de um completo apoio. E esse estímulo, poderíamos dizer, continuou mesmo depois de **AUTORES E LIVROS** suspender a sua publicação.

Raimundo de Magalhães Júnior, escrevia, há algum tempo, um artigo (que vai transcrito na outra parte deste fascículo) no qual mostrava como **AUTORES E LIVROS** lograra transformar-se facilmente em uma raridade bibliográfica. Informava aquele fúlgido valor do teatro e do jornalismo brasileiro que uma coleção completa de **AUTORES E LIVROS**, quando acaso aparecia no mercado, atingia os preços de 2.500 e 3.000 cruzeiros. Isso ocorria em 1946. Podemos dizer que hoje os preços estão bem mais altos. Sabemos de coleções que têm sido vendidas ao preço de 5.000 cruzeiros; e estamos informados de que existem colecionadores que têm ofertado por uma coleção a soma de 10.000 cruzeiros.

E' animados por esses benéficos estímulos, que vamos agora iniciar a segunda fase de nossa publicação. Nesta nova época de sua vida, **AUTORES E LIVROS**, saindo autocommunicamente como tal, se apresentará em condições um tanto diferentes das condições anteriores.

Em primeiro lugar, somos forçados a aceitar anúncios, o que não nos apetecia na primeira fase. Como não compreendemos, entretanto, que a matéria de qualidade e valiosa de uma publicação como a nossa possa ficar misturada com a matéria co-

mercial, vamos criar, destinada a esta última, uma secção especial, na qual colocaremos todos os anúncios. Será *A Vida dos Livros*, a antiga secção crítica e bibliográfica de **AUTORES E LIVROS**. Virá agora ampliada, abrangendo larga e preciosa matéria bibliográfica.

Outra modificação que **AUTORES E LIVROS** vai apresentar é a do preço. Como suplemento de *A Manhã* era cada fascículo da nossa publicação vendido a 50 centavos. Agora, sendo uma revista autónoma, iremos vender cada um dos nossos fascículos a 2 cruzeiros — o que nada é, quando considerarmos que cada um dos nossos números, se nãosse com o formato de livro, trazendo o material literário e iconográfico que traz, iria ser vendido, nas estantes das livrarias, a 30 e a 40 cruzeiros.

...

Na sua nova fase, **AUTORES E LIVROS** vai constituir-se, rigorosamente, uma história da literatura brasileira. Iniciamos nossa publicação com a contribuição referente a Pero Vaz de Caminha, com a reprodução da carta do scrivão da frota de Cabral. Damos assim curso ao documento que tem sido chamado de cartilha de batismo do Brasil. Depois de tratar de Pero Vaz de Caminha, iremos tratar dos outros cronistas da fase inicial do Brasil: Pero Lopes de Sousa, o Padre Mórrega, o Padre Anchieta, o Cardim, e Gandavo, e Gabriel Soares de Sousa, etc. Em Janeiro do ano próximo, no iniciarmos o décimo volume, devemos andar na época da Vieira ou de Gregório de Matos.

Se nós é lícito olhar tão longe, podemos prever que, ali por 1952 ou 1953, no décimo sexto ou décimo sétimo volume, estaremos chegando ao século dezenove, encontrando assim os autores de que já tratáramos na primeira fase desta publicação. Volveremos então aos poetas e prosadores ali já estudados, dando novas e inéditas contribuições a respeito de cada um deles.

E' o nosso, portanto, um plano modesto, para ser executado em uns 8 ou 10 anos de trabalho.

Se Deus der vida ao diretor de **AUTORES E LIVROS**, se os leitores continuarem a compreender a apoiar o seu esforço, ao cabo desse tempo esperamos poder dizer que se encontra feita, em condições de desigual amplitude, *A HISTÓRIA DA CULTURA BRASILEIRA*.

## Nota a este número de "Autores e Livros"

Para a elaboração deste número de "Autores e Livros", foi-nos de grande utilidade a *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, publicada pela colónia portuguesa em 1922, e dirigida por Carlos Malheiro Dias. Dali extrínhamos a versão da Carta de Pero Vaz de Caminha, feita por Cecília Meireles de Vasconcelos; e a Carta de Martão João; alguns dos nossos clichés.

Na primeira fase de "Autores e Livros" publicamos o Album de Guimarães, coleção de cerca de vinte belíssimos desenhos; como não tinha parecido, na que daí resultou a parte, uma das mais importantes matérias ali incluídas, resolvemos agora, reeditar esse precioso album. Vai aqui, portanto, o primeiro dos desenhos daquela esplêndida série.

Na excelente coluna intitulada *Janela Aberta*, coluna que manteve em *A Noite* até o ano passado, Raimundo Magalhães Júnior teve ocasião de se referir em termos os mais lisonjeiros à primeira fase de **Autores e Livros**. Pedimos então ao brilhante jornalista, que é sem dúvida um dos escritores mais representativos da nova geração brasileira, para aqui reproduzir o seu trabalho, que valia ao diretor de **Autores e Livros** como uma verdadeira compensação aos esforços feitos, um verdadeiro estímulo a novos esforços.

Éis o artigo de Raimundo Magalhães Júnior:

## Janela aberta

R. MAGALHÃES JÚNIOR

## COMO SE FABRICAM RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS...

Uma vez, escrevendo nesta coluna sobre as edições de luxo, de certas obras que andam por aí aos milhares, em edições populares, acentuei que não era esse o meio hábil de "criar" raridades bibliográficas, neste país de artes gráficas ainda tão precárias. O nosso pretoso livro de luxo, perto dos livros de luxo ingleses, norte-americanos e franceses, é de uma pobreza franciscana e de uma falta de gosto primária. O luxo maior consiste no excessivo tamanho das margens e na enormidade do formato, — não é na escolha dos tipos, do arranjo da composição, na qualidade do papel em que é impresso, nem nos requintes da cliche. O que faz uma raridade bibliográfica, entretanto, não é nada disso. O livro pode ser muito belo, sem ser muito desejado. O que faz a raridade é o interesse do texto, por um lado, o esgotamento rápido da edição, por outro, e ainda, complementariamente, a impossibilidade de uma pronta reedição do mesmo texto, seja por dificuldades técnicas, ou por uma impossibilidade económica qualquer.

Proibida pelo autor, em cláusula testamentária, a sua reedição, a novela de Paulo Setúbal sobre os amores da marquesa de Santos e de D. Pedro I é hoje uma raridade bibliográfica, mesmo nas desprezáveis edições da Companhia Editora Nacional. Não há um desses volumes que não esteja valendo hoje, pelo menos, de cento e cinquenta a duzentos cruzeiros, quando, antes, eram vendidos a dez. O livro só poderá ser reeditado legalmente quando cair em domínio público, isto é, quando a família já não tiver mais o direito de impedir a sua divulgação. Na Argentina, surgiu, há pouco, uma edição de contrabando, não autorizada. Parece que a família de Paulo Setúbal, em lugar de requerer que essa edição fosse retirada do mercado e inutilizada, concordou em que fosse comercializada, e, possivelmente, teriam os herdeiros do escritor recebido os direitos correspondentes. Isso, pelo menos, foi o que ocorreu com a filiação de "A Marquesa de Santos" em Buenos Aires, sendo certo que a família se fez pagar pelo uso indevido da novela de Paulo Setúbal, que já era, por sua vez, nada mais nada menos, que uma recomposição romantizada do notável livro de Alberto Rangel, "D. Pedro I e a marquesa de Santos". Não seria o caso de ter sido apreendido e queimado o filme, em obediência à mesma cláusula testamentária? Não é a filiação uma espécie de "edição pela imagem"? E em face desses antecedentes, que aconteceria se um editor brasileiro publicasse, agora, uma edição não autorizada de "A Marquesa de Santos"? O precedente de Buenos Aires não poderia ser validamente invocado em juízo, para que se adotasse, aqui, a mesma fórmula, já aceite pela família Setúbal? Deixa esse questionário aos estudos dos nossos juristas e... dos nossos editores.

Outra raridade bibliográfica, formada de maneira muito singular, é o antigo suplemento do jornal "A Manhã", intitulado "Autores e Livros", que Múcio Leão dirigiu com incomparável dedicação e com grande vontade de prestar serviços de real poia às nossas letras. Nascendo num jornal que trazia o rótulo de folha oficiosa, o suplemento "Autores e Livros" era uma pequena ilha, no meio do oceano de louvores ao Estado Novo, à benevolência da ditadura, às mirabolantes e protelantes reações do regime deposto. "Autores e Livros" fazia com que, mesmo os mais intrinsecos, tímidos do Estado Novo e dos engrossamentos de que ele se alimentava, comprassem "A Manhã" aos domingos. A característia essencial desse suplemento literário consistia no levantamento de biografias de figuras ilustres das nossas letras, umas lembradas, outras quase esquecidas, com preciosas indicações bibliográficas, extractos do autor focalizado a estudos críticos, páginas de evocação e de saudade sobre o biografado. Foi a primeira vez que, no Brasil, se empreendeu tarefa de tal natureza, — e só mesmo um estudioso com as qualidades do Sr. Múcio Leão, bem informado, tenaz, servido por um magnífico espírito crítico, poderia realizar obra de tal envergadura, em meio de tantas dificuldades, a começar pelas que oferecem as nossas bibliotecas, sempre incompletas e de consulta difícil.

Entretanto, a obra de Múcio Leão não foi bem compreendida por alguns espíritos apressados. Ouvi alguém chamar o suplemento de "A Manhã", por algumas vezes, sarcásticamente, de "sessão espírita", de "cemitério da literatura", etc. Uma personalidade que foi muito festejada, mas que hoje já não é, disse uma vez, num romântico, que era preciso acabar com aquilo. Preocupado em servir aos ritos, dos quais é possível tirar melhores proveitos, dizia não saber onde é que esse senhor Múcio Leão ia desenterrar tantos mortos. Foi por ocasião da irrupção da luta política de 1942 que Múcio Leão se desiluiu de "A Manhã" e não encontraram quem o substituisse, — o que, na verdade, era difícil, — ou aproveitaram a oportunidade para extinguir o valioso suplemento, a única coisa realmente séria, construtiva, de interesse permanente, que o jornal até então havia feito. Desapareceu o suplemento, sem que qualquer dos nossos jornais ou dos nossos editores se dirigisse a Múcio Leão, a fim de pedir-lhe que continuasse a obra interrompida. Está fazendo hoje uma grande falta, esse suplemento, aos estudiosos das nossas letras. Eu, por mim, dou mais valor a "Autores e Livros" do que a qualquer das nossas antologias ou das nossas histórias da literatura. É uma coleção desse suplemento está custando, hoje, de dois mil a dois mil e quinhentos cruzeiros. São simpas folhas de papel do jornal, ca-fólias de papel do jornal, ca-

(Continua na 14.ª página)

Aquino, Araujo Comércio S.A.

RECIFE BAIA  
Rua Nova, 223/237 — Rua Chile, 13

Joalheria Regulador da  
MARINHA

OTICA UNIVERSAL

Importadores de Jóias, Relógios, Ótica,  
Instrumentos científicos e artigos  
fotográficos.

# CURSO DE JORNALISMO

ORAÇÃO DO DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA, DR. A. CARNEIRO LEÃO

É uma grande hora para a Universidade do Brasil, para a Faculdade Nacional de Filosofia, esta em que inauguramos o Curso de Jornalismo.

A Faculdade Nacional de Filosofia congratula-se com o Governo, aqui representado por S. Excia., o Ministro Clemente Mariani, com o Reitor da Universidade, Prof. Inácio Manoel Azevedo do Amaral, com o Conselho Universitário, o Conselho de Curadores e a Associação Brasileira de Imprensa, na pessoa do seu Presidente Herbert Moses, pelo advento dessa hora, há tanto tempo sonhada por todos nós.

Bem haja o Governo do Presidente General Eurico Dutra, o Parlamento da República, a Universidade do Brasil e a A. B. I. pela conquista magnífica.

Meu entusiasmo é tanto maior quanto foi nessa profissão, em que porfié desde os bancos acadêmicos, que me habituei a observar, a analisar os fatos sociais e a meditar e a escrever sobre suas razões e suas consequências. Diversas vezes foram elaborados antes em notas, artigos e ensaios, nas colunas dos jornais. Não poderia deixar de sentir como um dos melhores presentes da vida ser o Diretor desta Casa, no instante em que ela adiciona aos seus cursos mais prestáveis, o curso de formação e de aperfeiçoamento dos jornalistas.

O momento é o mais oportuno. A última guerra, da qual mal acabamos de emergir, espalhou entre os homens por toda a parte o descontentamento e a desordem mental. O papel da inteligência, a missão da cultura é de esclarecimento e direção para que se não possa tirar proveito da miséria, da tristeza e da dor.

Nunca a imprensa, nunca o jornal, nunca o jornalista necessitou tanto do equilíbrio, da serenidade, do espírito de justiça para defender-se e defender do contágio das opiniões feitas, das soluções simplistas, das fórmulas fáceis a massa que ascende para a participação no governo dos povos. Os erros de uma longa linhagem de homens de Estado, as dificuldades de compreensão e de ação de mentores intelectuais, sobretudo jornalistas, aliados ao mal estar fatal, após catástrofes das dimensões e da profundidade daquela que acaba de terminar, estão conduzindo boa parte da juventude para comportamentos imprevisíveis. É o pior e que, nascidos entre duas hecatombes, sofrendo as aguras de uma vida difícil, num meio amolecido pelo relaxamento de costumes que sucede aos desmoronamentos morais das guerras, a flor dos jovens do pensamento e da vida de amanhã encontra-se desorientada e, não raro, senhoras de uma verdade indiscutível, em uma atitude

mais ou menos mistica de Mesias.

E poderíamos em tal consciência exigir conduta muito diversa?

A crítica sem medida dos homens e das coisas, as interpretações tendenciosas e maliciadas dos fatos diários, no Jornal, no Cinema, no Rádio não a escola sistemática, mas empolgante, em que se educou e ganhou comportamento e atitudes as gerações novas que nos vão suceder.

Cada época da vida tem sua finalidade e seus objetivos. Enquanto a materialidade cabe criar que a sofreguidão das ainda inexperientes destrua sem constrair, interrompa a sucessão dos fenômenos e dos fatos que constituem a própria vida no tempo, a mocidade cabe renovar o que se angustia sem o seu análgico. Se o predomínio absoluto da primeira redundaria na estagnação para o retrocesso, o predomínio da segunda terminaria na confusão e, por fim, também no retrocesso.

A civilização é obra da Caravana imensa de inteligências e de corações que, desde o homem de Neanderthal, vem, penosamente, dentro de seus estreitos limites sabendo a escarpagem, através do espaço e do tempo, para nos conceder as maravilhas das conquistas científicas e os encantos das realizações de beleza legadas à geração que a herdará.

Ninguém mostrou, com eloquência maior, a nossa dívida de gratidão àquele ser primitivo que na noite de onde viemos trazia o esforço inicial e doloroso, de que Anacleto Franco. Não me faria ao preter, nessa solenidade do espírito, de citar no original a sua página memorável:

"Viel homme... ton souvenir me remue dans le plus profond de mon être; repais, dans l'insondable passé ou tu reposes, l'hommage de ma reconnaissance, car je sais combien te le dois. Je sais que ces efforts m'ont épargné de misères. Tu ne penses point à l'avenir, il est vrai, une faible lueur d'intelligence vacillait dans ton âme obscure; tu ne pus guère songer qu'à te nourrir et à te cacher. Tu étais homme, pourtant. Un idéal confus te poussait vers ce qui est beau et bon aux hommes. Tu vécut misérable; tu ne vécut pas en vain, et la vie que tu avais reçue si affreuse, tu l'as transformée en peu moins mauvaise à tes enfants. Ils travailleront à leur tour à la rendre meilleure... Ils se sentent tous ingénies, à l'effort continu de tanta cuspida, à travers les âges, a produit des merveilles qui maintenant embellissent la vie."

Para chegar ao alto da Torre em que nos encontramos foi mister marchar lenta e pesadamente desde o primeiro degrau longínquo.

Quanto esforço, quanto paciência, quanto sofrimento para que conquistássemos o que possuíamos.

É a consciência de tamanha verdade que devemos trazer sempre viva naqueles que chegam. Sobretudo porque não há gerações espontâneas e na vida tudo é passado ou futuro. Passado o que obtivemos e futuro o que buscamos conquistar. Essa consciência, essa mentalidade são os escritores, principalmente os jornalistas, cuja atuação é mais imediata e mais extensa, que a de difundir na massa o que se sabe. Seu papel é de educadores do futuro numa época em que mais do que nunca a ação distúrbia do jornal há de ser decisiva no comportamento das novas gerações, ávidas de movimento e de atividade.

Sós vós que decidireis — professores e alunos deste curso — se foi um bom se foi um mal a descoberta da imprensa e a alfabetização de todos.

A hora é definitiva e a obra que realizamos, aqui, senhores jornalistas e mestres, será providencial no Brasil se souberdes atender, como estamos certos que fareis, os reclamos da hora presente.

E' assim, com retribuição fé na vossa missão que passo a palavra ao Presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

## Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

(Continuação da 9.ª página)  
O tanto me escreveu quando ainda não no Rio. Queira mandar-me a minha carta sobre tal hipótese a ele e a resposta. Creio que foi a segunda que lhe escrevi.

Como o Correio me diz que o trabalho está agora entregue a Sr. Richard Webster, o advogado contra a Venezuela, que faz em 8 dias, e que eu suponho e que ele querará arrastar agora pelo de fazer 10 dias! Não desistam um palmo da linha Schomburgk depois da vitória que tiveram.

Até logo. Muitas recomendações nossas.

Do seu sempre

Joaquim Nabuco

V

St. Germain, 14 de Maio de 1900

Meu caro Dr. Graça,

Espero que essa falta de comunicação sua não queira dizer que há novidade em casa. Realmente receio muito que D. Yayá se não está bem vacinada esteja muito exposta. O Gouveia pensa que todos aqui devíamos vacinar-nos, mas já agora como as crianças têm vacinas recentes, creio que não tomaremos essa cautela nós mesmos. Sinto muito sua falta com a qual não contava depois de tão longa ausência que fixa para ainda aumentar o nosso atraso. Acredito, porém, que poucos dias terá o prazer de vê-lo para conversarmos sobre os nossos destinos. D'ora em diante serei obrigado a incomodá-lo e talvez mesmo a sobrecarregá-lo. Veja que nova calamidade o ameaça! Muitas recomendações nossas a D. Yayá, beijos nas meninas e creia-me

Mãe! seu

Joaquim Nabuco

VI

Barriz, Sexta-feira

23 de Março de 1900

Meu caro Dr. Graça,

Não sei se o José Veríssimo mandou-lhe o livro *de Paré e Anaseros*. Se o tem, queira emprestar-me, porque o meu exemplar veio com uma folha trocada em duplicata. Desejo-lhes feliz saúde. Hoje

recebi a triste notícia da morte do Corrêa: perco um velho amigo e camarada. Estou ansioso por uma carta do Oliveira Lima.

Seu m.º a.º

J. N.

VII

(Postal)

St. Germain, 11 de Maio de 1900

Meu caro Dr. Graça,

Não venha ver-me senão depois de perfeitamente curado e de passar todo período de recuado e consequência dessa desagradável epidemia em casa, que tanto sentimos. O telegrama que recebi ontem foi do Caldas e dizia — "Pode requisitar Domício Secretário". Já tenho sua nomeação e minhas credenciais. Não conto porém, partir para Londres antes do fim do mês, princípio de Junho. Arranje-me nessa conformidade. Todos nós recomendamos muito.

Do seu Am.º m.º

Certo e Obda.º

J. Nabuco

VIII

Londres, 20 de Abril 1902

Meu caro Dr. Graça,

O Benjamin está aí na Vila Estefânia (Estoril). Rogo-lhe que o mande vir à sua presença e pergunte-lhe em que condições ele querará voltar para o meu serviço. Eu não posso tomar a Fabiana, mas talvez eles possam combinar algum modo de entrar ele sem ela para minha casa, concorrendo em para o sustento dela. Diga-lhe quais são os meus planos nestes dois anos, depois dos quais voltarei para o Rio. Ele escreveu e parece preferir voltar para cá a seguir para o Brasil. Eu dou-lhe a maior ordenado de que ele tinha de modo entre nós dois, ele e eu, a sustentar a Fabiana. Como terá que viajar muito sozinho, não parar nunca, nem sei como poderia fazer-me acompanhar por um casal e tão comodista. Mostre-lhe o absurdo dessa instância, exceto se ele tem coisas melhor para ambos. Não lhe fale, porém, em divórcio, sobretudo à vista dela. Estimo que tudo lhes vá correndo como suponho impossível

não correr. Quando tenham chamado a sua visita ficarão os dois, mais ligados ainda do que partiram. Londres liga muito, mas Lisboa liga mais.

Não deixe de ver o Carvalho Monteiro. Já tenho a Cartografia Paracatu de Adell. Achou um Alemão. Da mesma maneira pelo Veríssimo de Norton Megaw vir o livro do Torquato Tapajós *Estudos sobre o Amazonas* e de Bento Knapp *Carta geográfica sobre o Província do Pará* ou peça ao Mouz ou ao Sr. Lúcio de Azevedo que me descreva o mesmo. Veja se aí me descobrem: "Carta geográfica da Nova Lusitânia ou América Portuguesa e Estado do Brasil" por Antônio Pires da Silva Pontes, Cap. de Fragata, Astrônomo e Geog. de S. M. nas demarcações de limites — 1788 (?).

Uma carta de Ricardo Franco de Almeida Serra intitulada "O Estado e a Capitania do Grão Pará e Rio Negro com as do Maranhão e Piauí com as comunicações dos rios Negro, Orenoco e Cavaburis, a situação da nova Fortaleza e verdadeiro curso do Rio Branco" feita em 1780. Humboldt refere-se a duas cartas desses geógrafos em data de 1787 e 1804 que o Conde de Linhares lhes deixou ver, a ele a Lápiz (geógrafo).

Dona Yayá quer que eu lhe diga quanto o Sr. volta, mas eu respondo que só quem pode saber é o Sr. Butalha.

Muitas recomendações afetuosas a ele e sempre seu.

Amigo Certo e Obmo.

Joaquim Nabuco

Peça ao Moniz o favor de ver a pág. 247, 249 e 249 do Catálogo dos Condes de Linhares os ns. 334, 335, 338, 344, 325, 326, 319, 296, 317, 319 e indagar para onde foram ou juntos ou repartidamente. Essa investigação a respeito do paradeiro atual de tais números é de maior alcance. Talvez aí os lioleiros não guardem os livros tão bem como o Sotheby, mas considerando que o leilão foi em 1895 tenho esperança de se achar ainda um vestígio a respeito daqueles documentos.

J. N.

IX

52, Cornwall Gardens,

Queen's Gate, S.W.

Outubro 17, 1902

Meu caro Dr. Graça,

Faça como quiser, mas lembrando-se que podemos ter que partir de um momento para outro para Roma. Queira dizer logo mesmo ao Dr. Othvaldo. Tem havido muita ligação já em Roma, e talvez fosse melhor estar a Missão representada lá pelo Sr. Não se ligue pessoalmente, isto é quanto a uma despesa particular por nenhum contrato e diga ao Othvaldo que ele pessoalmente, isto é, deixando a Embaixada deve estar pronto para atender ao primeiro chamado. O Raul parte amanhã para Berlim. Pode quanto à sala da Missão tomar compromisso de avisar um mês antes. Não vou melhor dos ouvidos, apesar de ter um que não está de todo mau, e no meu estado não piorar é talvez melhor.

Recebi o Volume de Madame Ferreira. Queira agradecer-lhe e dizer-lhe que não se mate. Que todos os caminhos levam a Roma, menos esse. Há muito que altero no volume, e haverá o que acrescentar, mas é uma base.

O *Diário de Agostinho do Cabo* é de 1786 verifiquei estar errada a data. Tem que ser postposto. Falta um documento importante, uma parte do Cabo Miguel Aracão (26 de Abril 1786) que mandei dar e não está impresso; também um ofício de Simões de Carvalho, de 10 de Julho 1787 (a Gama Lobo), que está impresso e não encontro nos Documentos. O *Roteiro de Noronha* vem com o nome de Braun, mas não está decidido a dá-lo todo; tem muita coisa que não interessa. Estou indeciso quanto ao *Diário de Alex. Rodrigues Ferreira*, se o dou ou não. Ainda há outros documentos.

Espero que Dona Yayá ande mais consolada e tenha melhores notícias do Rio. Como vão os Meninas gostando de Paris?

Não terão tido saudades dos felizes tempos de Ealing?

Seu M.º sinceramente

Joaquim Nabuco

Verifique-me se o Garnier ficou descontente, ou contente, com a venda dos meus dois livros últimos: Veja se lhe oferece o *Japão* sem prejuízo do *Grécia*. Eu quisera dar um livro de Pensamentos já publicados, extrahindo-os do que tenho escrito, à moda do que vi no *Almanaque*. Dê-lhe minhas felicitações pelo êxito completo deste. Creio que fui em que lhe sugeri a ideia. Depois da Missão daria então o de *Insights* (Pensamentos). O Sr. mesmo faria a escolha como era do seu projeto; o que lhe custaria pouco trabalho sendo uma boa tesoura, ainda que não valesse muito a pena.

J. N.

### UMA APRECIACÃO SOBRE "AUTORES

SOBRE "AUTORES

E LIVROS"

(Continuação da 12.ª página)

cadernadas, mas custam caro. E constituem, atualmente, uma raridade bibliográfica, porque os suplementos na sua maioria estão esgotados. As coleções, mesmo incompletas, são disputadíssimas. E as completas estão nem se julga. Basta dizer-se que a coleção existente na Biblioteca Nacional já passou a fazer parte do "reservado".

Mário Leão não procurou focalizar apenas os seus colegas da Academia de Letras, ou medalhões da nossa literatura. Focalizou também homens humildes e quase esquecidos, como Lima Barreto, por exemplo. E quase sempre dava sobre eles muita matéria inédita ou quase ignorada. Eis como nasceu, em papel de jornal, uma verdadeira raridade bibliográfica, o desparecido suplemento "Autores e Livros"...

(A Nolle, 11-3-1946).

# CARTA DE MESTRE JOÃO

Esse documento foi encontrado por Varnhagen, na Torre do Tombo, de Lisboa, e publicado na Revista do Instituto Histórico, t. V (1843).

É o famoso documento, que em importância, para o conhecimento dos primeiros momentos do Brasil, não está longe da Carta de Caminha:

VERSAO EM LINGUAGEM ATUAL PELO DR. LUCIANO PEREIRA DA SILVA, PROFESSOR DE MECANICA CELESTE NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Senhor: o bacharel mestre João, físico e cirurgião de Vossa Alteza, beijo vossas reais mãos. Senhor: porque, de tudo o cá passado, largamente escreveram a Vossa Alteza, assim Aires Correia como todos os outros, somente escreverel sobre dois pontos. Senhor: ontem, segunda-feira, que foram 27 de abril, desemos em terra, eu e o piloto do capitão-mór e o piloto de Sancho de Tovar; tomámos a altura do sol ao meio-dia e achámos 56 graus, e a sombra era setentrional, pelo que, segundo as regras do astrolábio, julgamos estar afastados da equinocial por 17 graus, e ter por conseguinte a altura do polo antártico em 17 graus, segundo é manifestado na esfera. E isto é quanto a um dos pontos, pelo que saberei Vossa Alteza que todos os pilotos vão tanto adiante de mim, que Pero Escobar vai adiante 150 léguas, e outros mais, e outros menos, mas quem diz a verdade não se pode certificar até que em boa hora cheguemos ao cabo de Boa Esperança e ali sabermos quem vai ficar mais certo, se eles com a carta, ou eu com a carta e com o astrolábio. Quanto, Senhor, ao sítio desta terra, mandei Vossa Alteza trazer um mapa-mundi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas aquele mapa-mundi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e ali haverá Vossa Alteza escrita também a Mina. Ontem quase contámos por azenos que esta era fina, e que eram quatro, e que doutro dia vêm aqui almalhas a pelear com eles e os levan-  
taram selvos.

Quanto, Senhor, ao outro ponto, saberei Vossa Alteza que, além das estrelas, eu tenho trabalhado o que tenho podido, mas não muito, por causa de

uma perna que tenho muito mal, que de uma coadure se me fêz uma chaga maior, que a palma da mão; e também por causa de este navio ser muito pequeno e estar muito carregado, que não há lugar para coisas nenhuma. Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as estrelas do sul, mas em que grau está cada uma não o pude saber, antes me pareceu impossível, no mar, tomar-se a altura de nenhuma estrela, porque eu trabalhei muito nisso e, por pouco que o navio balance, se erram quatro ou cinco graus, de modo que se não pode fazer, senão em terra. E quase outro tanto digo das tábuas da Índia, que se não podem tomar com elas senão com muitíssimo trabalho, que, se Vossa Alteza soubesse como desconcertavam todos nas polegadas, ria de mim, pois que de Lisboa até às Canárias desconcertavam uns dos outros em muitas polegadas, que uns diziam, mais que outros, três e quatro polegadas, e outrotanto desde as Canárias até às ilhas de Cabo Verde, e isto, tendo todos cuidado que o tomar fôsse a uma mesma hora: de modo que mais julgavam quantas polegadas eram, pela quantidade

do caminho que lhes parecia terem andado, que não o caminho pelas polegadas. Terminando, Senhor, ao propósito, estas guardas nunca se escondem, antes sempre andam em derredor sobre o horizonte, e ainda estou em dúvida que não sei qual de aquelas duas mais belas seja o polo antártico; e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes quase como as do Carro; e a estrela do polo antártico, ou sul, é pequena como a do Norte e muito clara, e a estrela que está em cima de toda a Cruz é muito pequena. Não quero alargar mais, para não importunar a Vossa Alteza, salvo que fico rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo que a vida e estado de Vossa Alteza acrecente como Vossa Alteza deseja. Fêta em Vera-Cruz no primeiro de maio de 1500. Para o mar, melhor é dirigir-se pela altura do sol, que não por nenhuma estrela; e melhor com astrolábio, que não com quadrante nem com outro nenhum instrumento. Do criado de Vossa Alteza e vosso leal servidor

Johannes  
artium et medicine  
bachalarius.

## OS ANTIGOS JORNALISTAS BRASILEIROS EM "AUTORES E LIVROS"

(Continuação da 14.ª página)

manter sempre despertos esse interesse e essa curiosidade, vamos introduzir em cada um desses números, dedicados aos velhos cronistas, os estudos e as seleções antológicas referentes a autores mais modernos.

E' assim que, em breves dias, começaremos a dar, paralelamente com os Caminhos, os Cardins e os Gandavos, páginas e estudos referentes aos grandes jornalistas brasileiros. Entrarão em tal série Hipólito da Costa, Evaristo da Veiga, Gonçalves Ledo, Frei Sampaio, Januário, Vasconcelos de Drummond, Torres Homem, Justiniano da Rocha, tantos e tantos outros.

Isso sem prejuízo — é claro — da "Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea" (verso e poesia) e da Página dos Autores Novos, seção esta última que, como a "Antologia da Literatura Brasileira

## Números atrasados de "Autores e Livros"

Como se sabe, os oito volumes que constituem a primeira série de "Autores e Livros" esgotaram-se por completo. Para os colecionadores, porém, temos uma boa notícia: possuímos, em reserva, alguns dos números de nossa primeira fase, e em fascículo futuro daremos a relação de tais números. E' provável que assim os leitores possam completar coleções que tenham iniciadas.

## Uma posse na Academia

Está marcada para o próximo mês de Agosto a posse do Sr. Afonso Pena Júnior na Academia Brasileira de Letras. O fulgido exegeta de A Arte de Furlar e seu Anel entrou para a imortalidade, como se sabe, na vaga de Afrânio Peixoto, na cadeira n.º 7, que tem como patrono Castro Alves.

Contemporânea" reputamos da maior importância. Assim pretendemos restabelecer logo que nos for possível — talvez já no próximo número.

O que as  
mulheres  
bonitas  
dizem da  
Leite de  
Rosas...



Na galeria de expoentes artísticos nacionais, com que Leite de Rosas ilustra e documenta a sua propaganda, figura, com especial destaque, a personalidade inconfundível de Alma Flor. Estrela do nosso teatro, à margem da vida radiofônica, o comparecimento dessa notável artista ao Programa Leite de Rosas, nos estúdios da Rádio Mayrink Veiga, constituiu duplo

motivo de orgulho para o notável embelezador da sua mulher: — o de verificar que a confirmação do suas

qualidades é tão preeminente na elite artística nacional, quanto expontânea nas suas manifestações. Leite de Rosas, desejando também homenagear a grande artista brasileira, não encontra melhor oportunidade do que a de anunciar a próxima exibição da super-produção "MAE", na qual, como estrela, Alma Flor reafirmará no cinema a trajetória luminosa que já a consagrou no teatro.

"O MAIS EFICIENTE E ACONSELHADO EMBELEZADOR DAS AMERICANAS"

Rua Olímpio de Melo, 515-A e B (São Cristóvão) — Rio de Janeiro. — Telefone 48-7680

## ROBERTO SIMONSEN

Terra-feira, 25 de Maio passado, quando orava na Academia Brasileira de Letras, pronunciando o discurso de saudação ao senador belga Paul Van Zeeland, caiu fulminado por um insueto cardíaco o escritor Roberto Simonsen. Faleceu assim, em poucos minutos, em plena ação intelectual, na Casa de Moçambique de Assis. A morte interrompeu seu discurso no momento em que ele, a propósito da guerra de 1914, tendo feito o elogio de Rul, pronunciava esta frase: A Bélgica pagou o seu tributo...

O corpo do ilustre acadêmico foi transportado, na mesma noite, para S. Paulo, e ali inumado no cemitério da Colúmbia.

Roberto Simonsen era figura de grande destaque na vida brasileira dos dias de hoje, um dos dirigentes da Federação das Indústrias de S. Paulo, senador da República. Na Academia ocupava o fauteuil n.º 3, do qual é patrono Artur de Oliveira e que fora criado por Prímio de Almeida, a quem o morto de agora substituiu em 1945.

# ALBUM DE GUIGNARD



N.º 1 -- Beco da Sombra

## OS HOMENS OCOS

(THE HOLLOW MEN)

Tradução de Vinícius de Moraes

Uma esmolinha para um Pobre Cego.

Não me deixeis ir além  
No reino irreal da morte  
Deixai-me porém usar  
Disfarces deliberados  
Peles de rato, penas de corvo, galhos cruzados  
Num campo  
Indo para onde vai o vento  
Nunca além —  
Nunca aquele último encontro  
No reino do crepúsculo.

III

E' esta a terra do cacto  
E' esta a terra defunta  
Aqui recebe imagens de pedra  
Se levantam e aqui se junta  
A súplica da mão de um homem morto  
A luz de uma estrela morta.

E' bem assim  
No outro reino da morte  
Um despertar solitário  
Na hora leve em que nós  
Trememos mais de ternura  
E lábios que levam beijos  
Partem-se em prece na pedra.

IV

Os olhos não estão aqui  
No vale da morta estrela  
Não vivem olhos aqui  
Neste vale desdentado  
Boca desmantelada dos nossos reinos perdidos.

Neste humano fim do mundo  
Seguimos tateando  
Mudos de palavras  
Aglomerados ao longo das praias do tímido rio

Cegos, a não ser  
Assuriam-nos olhos  
Estrélas perpétuas  
Rosas multifolias  
Do reino do crepúsculo  
Única esperança  
De homens vasios.

V

Vamos rodar em volta do cacto  
Em volta do cacto, em volta do cacto  
Vamos rodar em volta do cacto  
Até de manhã às cinco.

Entre a idéia  
E a realidade  
Entre o movimento  
E o ato  
Cai a Sombra.

Pois Teu é o Reino

Entre a concepção  
E a criação  
Entre a emoção  
E a resposta  
Cai a Sombra.

A Vida é muito longa

Entre o desejo  
E o espasmo  
Entre a potência  
E a existência  
Entre a essência  
E a queda  
Cai a Sombra.

Pois Teu é o Reino

Assim será o fim do mundo  
Assim será o fim do mundo  
Assim será o fim do mundo  
Não com um estrondo — com um berro.

Nós somos os homens ocos  
Os homens empalhados  
Juntos curvados  
O crânio cheio de palha. Ai de nós!  
As vozes ressequidas  
Ao coro que fazemos  
São quietas, são alvares  
Como vento em grama seca  
Ou rato correndo em vidro moido  
Na nossa adega seca.

Vulto sem forma, sombra sem cor,  
Força parálitica, gesto sem emoção;

Aquêles que cruzaram  
De olhos fixos, o outro lado do reino da morte  
Lembram-nos — talvez — não como  
Terríveis almas perdidas  
Mas como os homens ocos,  
Os homens empalhados.

II

Os olhos com que não ousa sonhar  
No reino irreal da morte  
Esses, não voltam mais:  
Ei-los, olhos que são  
Luz de sol numa ruína  
Ei-la, é a árvore tonta  
E há vozes que estão  
Ao vento cantando  
Mais distantes e solenes  
Que uma estrela se apagando.